

INSTITUTO DE ESTUDOS SUPERIORES MILITARES
CURSO DE ESTADO-MAIOR CONJUNTO

2011/2012



TII

TERRORISMO VIS À VIS DESENVOLVIMENTO

DOCUMENTO DE TRABALHO

O TEXTO CORRESPONDE A TRABALHO FEITO DURANTE A FREQUÊNCIA DO CURSO NO IESM SENDO DA RESPONSABILIDADE DO SEU AUTOR, NÃO CONSTITUINDO ASSIM DOCTRINA OFICIAL DA MARINHA PORTUGUESA / DO EXÉRCITO PORTUGUÊS/ DA FORÇA AÉREA PORTUGUESA / DA GUARDA NACIONAL REPUBLICANA

José Mendes Cerdeira
CTEN AN



INSTITUTO DE ESTUDOS SUPERIORES MILITARES

TERRORISMO VIS À VIS DESENVOLVIMENTO

José Mendes Cerdeira

Trabalho de Investigação Individual do Curso de Estado-Maior Conjunto
2011/2012

Lisboa – 2012



INSTITUTO DE ESTUDOS SUPERIORES MILITARES

TERRORISMO VIS À VIS DESENVOLVIMENTO

José Mendes Cerdeira

Trabalho de Investigação Individual do Curso de Estado-Maior Conjunto
2011/2012

Orientador: Maj Inf Anselmo Melo Dias

Lisboa – 2012



Agradecimentos

Este trabalho é produto da cooperação e ajuda de diversas pessoas que não posso deixar de mencionar e manifestar aqui uma nota de apreço e agradecimento pela colaboração, orientação e partilha de conhecimentos.

Assim, começo por expressar os meus sinceros agradecimentos ao orientador deste trabalho, o Major Anselmo Melo Dias, pela forma profissional como me norteou em todo o processo de elaboração e também pela disponibilidade, partilha de experiências e conhecimentos que sempre colocou ao meu dispor.

Quero também agradecer ao Professor Luís Tomé pela disponibilidade demonstrada ao me conceder uma entrevista, que considero ter sido uma oportunidade de excelência, para cimentar conhecimentos, partilha fundamental para o enriquecimento do trabalho.

À Professora Teresa de Almeida e Silva deixo também o meu sincero reconhecimento pela entrevista concedida, fundamental para firmar e aprofundar conhecimentos, nomeadamente relativos à cultura Islâmica, que se revelou de grande valia para o completar do trabalho.

Agradeço ainda ao Major Cordeiro de Menezes pelos conhecimentos e sugestões avançadas durante a entrevista que me concedeu, um contributo importante ao enriquecimento deste estudo.

Por fim, quero deixar uma palavra de especial de agradecimento para a Isabel, pelo apoio incondicional que sempre me deu, pela sua compreensão e pela preciosa revisão efetuada ao texto.

O meu muito obrigado, a todos.

**Índice**

Agradecimentos	ii
Resumo.....	v
Abstract.....	vi
Palavras-Chave.....	vii
Lista de Abreviaturas e Acrónimos	viii
Introdução.....	1
1. Governança e Terrorismo	6
a. Governança.....	6
(1) Os indicadores do nível de governança.....	8
(2) O nível de governança dos Estados aferido pelo Banco Mundial	9
b. O Terrorismo.....	9
(1) Modelos de Terrorismo - Do terrorismo de Estado à sua internacionalização ...	10
(2) O terrorismo “tradicional” e o “Terrorismo de Novo Tipo”	12
c. O Fundamentalismo Islâmico	13
d. A dinâmica do terrorismo na governança dos Estados	15
(1) Casos de terrorismo	15
(2) O nível de Governança dos Estados	19
2. As Motivações dos Terroristas	21
a. As teorias da motivação.....	21
(1) A teoria da escolha racional	21
(2) A teoria estrutural ou social	22
(3) A teoria da privação relativa	22
(4) A teoria do movimento social	23
(5) A teoria baseada na psicologia	24
b. Fatores motivacionais de adesão a organizações terroristas	25
(1) Fatores de natureza política	26
(2) Fatores culturais e religiosos	26
(3) Fatores socioeconómicos	27
3. A Al-Qaeda	31
a. Os ataques da Al-Qaeda.....	33
b. A morte de Bin Laden	38
Conclusões.....	40

**Bibliografia47****Anexos**

Anexo A - Indicadores de governança.....	A-1
Anexo B - Mapa de ataques terroristas entre 2004 e 2010.....	B-1
Anexo C - Dados dos ataques Mundiais entre 2004 e 2010.....	C-1
Anexo D - Dados dos ataques Mundiais em 2011.....	D-1
Anexo E - Dados dos ataques da Al-Qaeda e associadas, entre 2004 e 2010.....	E-1
Anexo F - Dados dos ataques da Al-Qaeda e associadas em 2010.....	F-1
Anexo G - Súmula de entrevistas.....	G-1

Apêndices

Apêndice 1 – Quadro de Verificação das Hipóteses.....	Apêndice-1
---	------------

Apensos

Apenso I - Fontes utilizadas pelo Banco Mundial para aferir o nível de governança.....	I
--	---

Índice de Gráficos

Gráfico 1 - Ataques terroristas e vítimas mortais entre 2004 e 2010.....	17
Gráfico 2 - Ataques terroristas e vítimas mortais em 2011.....	18
Gráfico 3 – Evolução dos Ataques terroristas mundiais entre 2004 e 2011.....	19
Gráfico 4 – Indicadores de “Estabilidade política e ausência de violência” “Estado de Direito” e “Controlo da corrupção” em 2010.....	20
Gráfico 5 - Ataques terroristas da <i>Al-Qaeda</i> e organizações associadas entre 2004 e 2010.....	35
Gráfico 6 - Ataques terroristas da <i>Al-Qaeda</i> e organizações associadas em 2010 ..	36
Gráfico 7 - Evolução de ataques e mortes provocados pela <i>Al-Qaeda</i> e organizações associadas, entre 2004 e 2010.....	37
Gráfico 8 – Nível de governança em 2010 nos Estados alvo de ataques da <i>Al-Qaeda</i> no período 2004 - 2010.....	37



Resumo

O terrorismo é um fenómeno que representa uma ameaça à segurança internacional e que está frequentemente associada ao nível de desenvolvimento dos Estados, importando verificar a sua dinâmica com a frequência de atentados, vítimas e a motivação dos perpetradores de atos terroristas.

Para tal desiderato, recorreremos ao processo metodológico proposto por Quivy & Campenhoudt (2005), recorrendo à bibliografia de autores reconhecidos e à análise de dados disponibilizados por bases de dados credíveis, a *Worldwide Incidents Tracking System*, a *Global Terrorism Database* e o Banco Mundial procurando, através do método hipotético-dedutivo, obter as conclusões que nos respondam a esta problemática.

Deste modo, desenvolvemos uma identificação dos Estados alvos de terrorismo e as vítimas mortais resultantes dos atentados, seguido de uma análise do seu nível de governança, que está estreitamente ligado ao desenvolvimento, recorrendo a dados disponibilizados pelo Banco Mundial. Pudemos verificar que, apesar do terrorismo não ser exclusivo de países subdesenvolvidos, predomina claramente nestes, ainda que as motivações dos autores de atentados tenham origens diversas.

A este propósito, analisámos as motivações dos indivíduos, que nos surgem como multicausais, desde ideológicas, políticas, culturais, religiosas e socioeconómicas, sendo algumas destas independentes do nível de desenvolvimento dos Estados, estando outras estreitamente ligadas ao subdesenvolvimento.

Foi ainda efetuado um “estudo de caso” da *Al-Qaeda*, em que relacionámos a atividade desta organização com o nível de governança dos países, tendo verificado que, também aqui, a predominância de atentados e vítimas mortais tem relação direta com níveis de governança mais baixos.

Concluimos que, por um lado, o terrorismo tem predominância nos países com níveis de governança mais baixos, apesar de não ser um problema exclusivo destes e que este fenómeno acaba por ser também responsável pelo subdesenvolvimento dos Estados. Por outro lado, as organizações terroristas têm interesse em manter o nível de governança baixo, preservando as condições propícias ao seu desenvolvimento.

O combate ao subdesenvolvimento e ao terrorismo deve, assim, ser alvo de uma abordagem múltipla aos níveis económico, político e militar.

**Abstract**

Terrorism is a phenomenon that means a threat to international security and it is often associated with underdevelopment of States, therefore it is important to find the relation between the frequency of attacks, victims and motivation of the perpetrators of terrorist acts.

In this essay we examined to what extent this relationship exists. In order to achieve that, we have focused on the methodology proposed by Quivy & Campenhout (2005), using bibliography of recognized authors, and analysis of available data from credible databases, Worldwide Incidents Tracking System, the Global Terrorism Database and the World Bank looking through the hypothetical-deductive method to get to the conclusions and answer this issue.

Thus, we have identified the states targeted by terrorism and the casualties resulting from attacks, and then examined the level of governance that is closely linked to development. By using data provided by the World Bank. We concluded that although terrorism is not exclusive to developing countries, that it clearly predominates on them, even though the motivations of perpetrators of terrorist attacks have different origins.

Therefore, we also analyzed the motivations of individuals, which can be multi-causal, ideological, political, cultural, religious and socio-economic, some of which are independent of the level of development of other states, but are closely linked to underdevelopment.

It was also made a case study of Al-Qaeda, that related the activity of this organization with the level of governance of the country, in which we concluded that the predominance of attacks and fatalities is directly related to lower levels of governance, too.

We concluded that, on one hand, terrorism has predominance in countries with lower levels of governance, though not an exclusive problem of this phenomenon and that turns out to be also responsible for the underdevelopment of the States. On the other hand, terrorist organizations have an interest in keeping low level of governance and at same time, conditions favorable to their development.

The fight against underdevelopment and terrorism must therefore be the target of a multiple approach to the economic, political and military levels.



Palavras-Chave

Al-Qaeda, Desenvolvimento, Governança, Motivações, Organizações, Terroristas
Terrorismo, Islão.

**Lista de Abreviaturas e Acrónimos**

AQAP	<i>Al-Qaeda</i> da Península Arábica
AQLIM	<i>Al-Qaeda</i> do Magrebe
ETA	<i>Euskadi Ta Askatasuna</i>
EUA	Estados Unidos da América
FARC	Forças Armadas Revolucionárias Colômbia – Exército do Povo
FMI	Fundo Monetário Internacional
FPLP	Frente Popular para a Libertação da Palestina
GTD	<i>Global Terrorism Database</i>
IED	<i>Improvised explosive devices</i>
IRA	<i>Irish Republican Army</i>
LeT	<i>Lashkar-e-Taiba</i>
NCTC	<i>National Counterterrorism Center</i>
OLP	Organização para a Libertação da Palestina
ONG	Organização-não-governamental
ONU	Organização das Nações Unidas
SI	Sistema Internacional
START	<i>Study of Terrorism and Responses to Terrorism</i>
TAMIL	Tigres Liberação do <i>Tamil Eelam</i>
TNT	Terrorismo de novo tipo
TTP	<i>Tehrik-i-Taliban Pakistan</i>
VBIED	<i>Vehicle-borne improvised explosive devices</i>
WITS	<i>Worldwide Incidents Tracking System</i>



Introdução

Após a queda do Muro de Berlim¹, o Sistema Internacional (SI) transformou-se, de forma significativa, deixando um ambiente propício ao emergir e afirmação de atores, que viriam a preencher o espaço vazio deixado pelas duas superpotências. Nesta nova realidade, as ameaças tornam-se difusas, proliferando os Estados falhados, as organizações criminosas e as organizações terroristas, que ganham uma projeção de nível global.

Será sobre a análise destas últimas que este estudo irá incidir, procurando identificar a relação entre o terrorismo e o nível de desenvolvimento dos Estados, pese embora o facto de sabermos que não estamos perante um fenómeno novo e que foi sobejamente estudado, sendo alvo de interpretações diversas e da influência de preconceitos cimentados ao longo do tempo.

Deste modo, sendo o terrorismo um fenómeno cuja origem se perde na história, iremos fazer uma curta abordagem aos modelos de terrorismo que refletem a sua evolução até aos nossos dias, começando pelo terrorismo de Estado até ao terrorismo transaccional.

Utilizado como instrumento político ao serviço do Estado durante a revolução francesa², no século XX, ganha novas formas e assume um carácter internacional e transaccional. Assim, este terrorismo apoia-se numa forma difusa de funcionamento em rede, ligada pelo fundamentalismo islâmico e pelos ódios comuns ao Ocidente, que Luís Tomé (Tomé, 2004, pp.174 - 193) intitula de “Terrorismo de Novo Tipo” (TNT), sendo a designação que iremos adotar durante o presente trabalho.

Este tipo de terrorismo não é pobre, mas a pobreza alimenta-o e é instrumentalizada por ele (Tomé, 2004, p.192), além disso, as suas motivações e causas são diversas e os objetivos nem sempre verdadeiramente definidos, o que incrementa a ameaça para a segurança internacional.

Assim, o objetivo geral deste trabalho será compreender em que medida o desenvolvimento afeta, ou contribui, para o alastrar das atividades terroristas e de como se relaciona com as motivações dos perpetradores dos seus atos.

Quando relacionamos terrorismo com desenvolvimento, surge de imediato o preconceito de associarmos o primeiro à falta do segundo, i.e., conotar a violência com o subdesenvolvimento dos Estados. Esta ligação é validada por diversos artigos sobre a

¹ Em 1989.

² 1793.



temática, onde são elencados atentados consumados por operacionais, recrutados em países subdesenvolvidos. Acresce ainda a informação que nos chega diariamente pelos órgãos de comunicação social sobre atentados em países, como o Afeganistão, Iraque, entre outros, que induz a sociedade a pensar que o terrorismo afeta essencialmente países subdesenvolvidos, não obstante a ocorrência de atentados como o 11 de Setembro nos Estados Unidos da América (EUA) e o 11 de Março, em Espanha, que recordam a sociedade ocidental que estamos perante uma ameaça que não respeita fronteiras.

Contudo, a origem dos mentores das organizações terroristas parecem contrariar a tese de que o terrorismo está diretamente relacionado com o subdesenvolvimento, atendendo à sua formação e recursos que têm ao dispor. Tal realidade é suportada por acontecimentos como o 11 de Setembro, patrocinados por Osama Bin-Laden que recorreu a operacionais com elevada formação intelectual, ideológica e religiosa, desenvolvendo um conjunto de ações, com um significativo impacto na segurança internacional, que não seriam possíveis sem a utilização de meios financeiros significativos.

Assim, analisar a relação entre o fenómeno terrorista e o desenvolvimento leva-nos ao exercício de investigar como este germina no território dos Estados, de acordo com o seu nível de desenvolvimento. No entanto, também este último conceito, quando aplicado à vertente humana³, é extremamente lato e de difícil medição, pelo que, para prosseguir este objetivo, recorreremos à análise do nível de governança, que a Comissão Europeia considera como fator determinante “da coesão ou do conflito social, do êxito ou do fracasso do desenvolvimento económico, da preservação ou da deterioração do ambiente natural, bem como do respeito ou violação dos direitos humanos e das liberdades fundamentais” (Comissão Europeia, 2003).

Sem perder a sua abrangência, permite analisar os aspetos básicos do funcionamento de qualquer sociedade e de qualquer sistema político e social, nomeadamente os processos e comportamentos, segundo os quais são articulados os interesses, geridos os recursos e exercido o poder na sociedade, associados ao nível de desenvolvimento, oferecendo vantagens, sobre outros conceitos, por ser mais pragmático e mensurável.

³O Professor Amartya Sen, Prémio Nobel em Economia, em 1998 considera que: “O desenvolvimento humano, como uma abordagem, está preocupado com o que eu considero ser a ideia básica de desenvolvimento: nomeadamente o avanço da riqueza da vida humana, ao invés da riqueza da economia na qual os seres humanos vivem, que é apenas uma parte dela” (Sen, 1998).



Assim, iremos analisar os dados disponibilizados na *Worldwide Incidents Tracking System* (WITS), procurando identificar os Estados com maior incidência de ataques terroristas e vítimas mortais no período de 2004 a 2010, para, posteriormente, procurar a relação destes com o nível de governança, disponibilizado na base de dados do Banco Mundial. Para percebermos se a tendência de evolução se mantém, serão também analisados os dados mais recentes disponíveis na WITS, relativos a 2011. Optamos ainda por limitar a análise às vítimas mortais, pelo facto de a perda de vidas ser a consequência mais gravosa da enorme abrangência de danos e tipos de vítimas provocados pelo terrorismo e que não seria possível analisar num trabalho desta natureza.

Além da relação do nível de governança dos Estados com o terrorismo, procuraremos ainda entender as motivações dos operacionais e líderes, que preconizam a operacionalização deste fenómeno, analisando o que leva os indivíduos a aderir à causa terrorista e a cometerem atos violentos, nomeadamente, os diferentes fatores associados ao nível de desenvolvimento dos Estados⁴.

Aqui, a religião assume especial relevo evidenciando-se, especialmente, no extremismo islâmico onde, de acordo com Harris (2007), existe uma radicalização da interpretação do Alcorão e dos *Hadiths*⁵ contidos na *Sunna*⁶. Este autor salienta ainda a existência de um sentimento de humilhação no mundo islâmico, criado pelo Ocidente, que alimenta o ódio, enquanto emoção humana, contra os infiéis judeus e norte americanos⁷ que ocupam a terra dos muçulmanos.

Analisaremos ainda o “estudo de caso” da *Al-Qaeda*, procurando validar a dinâmica entre o terrorismo e a governança. Começaremos por fazer uma breve análise da evolução histórica desta organização e da forma como se adaptou às alterações do SI, começando por uma organização de guerrilha no Afeganistão e acabando, nos dias de hoje, como uma estrutura dispersa, com grande capacidade de se movimentar em todo o mundo, tornando-se a “a pedra angular” do TNT (Tomé, 2004, p.192).

Se por um lado, a diminuição de ataques da *Al-Qaeda* no Ocidente e a morte do seu líder carismático, Osama Bin Laden, poderão denotar alguma fraqueza, por outro, devemos ter alguma cautela neste tipo de análise, pois os ataques em países islâmicos continuam a

⁴Socioeconómicos, culturais e religiosos

⁵Leis, lendas e histórias sobre a vida de Maomé.

⁶Tradição profética, tudo o que procede de Maomé: conselhos, princípios morais, ações práticas quotidianas.

⁷Num sentido mais lato: ocidentais.



ser frequentes. Releva-se ainda, que será prematuro para avaliar as reais consequências do último revés, a morte do seu líder, facto que poderá inspirar células terroristas adormecidas a consumir atentados.

A este propósito, analisaremos os dados relativos aos atentados que ocorreram entre 2004 e 2010⁸, a nível mundial, cometidos por esta e por organizações associadas⁹ que atuaram em estreita cooperação, partilhando meios e a ideologia, recorrendo à *Global Terrorism Database* (GTD).

Para o desenvolvimento do presente estudo adotaremos a metodologia de investigação, prevista no método de Raymond Quivy e Luc Van Campenhoudt (Quivy & Campenhoudt, 2005). Iniciámos pela fase da rutura, em que procuramos abandonar os preconceitos existentes e elaboramos a seguinte “Questão de Partida”, que será a base do trabalho de investigação:

De que forma o nível de desenvolvimento dos Estados influencia a expansão do terrorismo?

Seguiram-se as etapas da exploração e da problemática que nos conduziram à pesquisa de novas leituras sobre esta temática e que permitiram recolher a informação necessária à investigação, tendo sido identificado o problema de como o nível de governança e as motivações, de quem se associa às redes terroristas, influenciam a expansão deste fenómeno.

No modelo de análise adotado, começaremos por analisar as dimensões dos conceitos de governança e terrorismo centrando-nos, de seguida, nas hipóteses que serão analisadas, segundo o método Hipotético-dedutivo e que darão resposta às questões derivadas da questão de partida, elaborada a partir da problemática:

QD1: De que forma a governança dos Estados está associada ao número de casos e vítimas mortais do terrorismo?

H1.1: Estados com nível de governança inferior têm mais propensão para serem alvos do terrorismo.

H1.2: Um maior número de ataques terroristas tem correspondência a um maior número de vítimas mortais em Estados com baixo nível de governança.

⁸Ainda não existem dados relativos a 2011 disponíveis na GTD.

⁹Neste estudo de caso consideraremos as organizações associadas: *Al-Qaeda Iraque*; *Al-Qaeda* da Península Arábica (*AQAP*); *Al-Qaeda* do Magrebe (*AQLIM*); *Al-Shabaab*; *Lashkar-e-Taiba (LeT)*; *Tehrik-i-Taliban Pakistan (TTP)*; *Al-Qaeda Network for Southwestern Khulna Division*, no Bangladesh; *Al-Qaeda* Líbano; *Al-Qaeda Organization for Jihad* na Suécia; *Al-Qaeda* Iémen



QD2: Quais as motivações dos terroristas e a sua relação com os fatores socioeconómicos?

H2: O baixo nível socioeconómico das populações leva ao aumento de seguidores do terrorismo que veem nestas organizações uma forma de realização.

QD3: Como o nível de governança influencia os ataques e o número de vítimas mortais provocados pela *Al-Qaeda*?

H3 Estados com nível de governança inferior têm mais propensão para serem alvos da *Al-Qaeda* e terem um maior número de vítimas mortais, decorrentes destes ataques.

Estas questões de partida e hipóteses formam a conjuntura que serviu de guia para o estudo, originado três capítulos, onde se procederá à observação dos indicadores que permitem a medição e a análise da informação, procurando identificar a relação com as hipóteses levantadas e que permitirá a resposta às questões derivadas, validando-as ou inferindo-as. Cada uma destas só será inferida se descobrirmos um efeito suscetível de reprodução e que a contrarie, pelo que, enunciados básicos dispersos não serão motivo para a sua rejeição (Freixo, 2010, p.105).

A confirmação ou rejeição das hipóteses levantadas, darão resposta às questões derivadas, permitindo finalmente, responder à questão de partida, retirar as conclusões e identificar os contributos para o combate ao terrorismo.



1. Governança e Terrorismo

a. Governança

A governança é um conceito de uma vasta abrangência, estreitamente ligado ao desenvolvimento, tendo aplicação no mundo empresarial¹⁰, no SI¹¹ e internamente nos Estados, onde avalia a capacidade governativa, não só pelo resultado das políticas governamentais, mas também pela forma como o poder do Estado é exercido.

No entanto, neste estudo, consideraremos que, sem prejuízo da importância das restantes dimensões da governança, interessa-nos aferir o desenvolvimento de cada um dos países onde os atos terroristas ocorrem, pelo que nos debruçaremos apenas sobre a dimensão de governança nos Estados.

Este conceito teve origem em estudos do Banco Mundial com o intuito de identificar condições que garantissem a eficiência de um Estado. Deste modo, os assuntos abordados deixaram de ser estritamente económicos, passando a ser mais abrangentes, incluindo a dimensão social e política.

Todavia, muitas organizações dedicaram-se ao estudo da governança, nomeadamente, a Comissão Europeia a Organização das Nações Unidas (ONU) e o Fundo Monetário Internacional (FMI), entre outros.

Segundo a ONU, a governança potencia a igualdade, a participação, o pluralismo, a transparência, a responsabilidade e o Estado de Direito. Estes princípios são garantidos através da realização de eleições livres e justas, que proporcionam legislaturas representativas que legislam e supervisionam as leis e um sistema judiciário para interpretá-las (ONU, 2011).

A importância e abrangência do conceito de Governança é visível nas palavras do Secretário Geral da ONU, relativas a Timor Leste¹² em 2009: “como todos sabem,

¹⁰Refere-se a procedimentos de gestão e administração das empresas privadas, que têm por fim maximizar os índices de rentabilidade. Ainda que a governança empresarial seja importante no mundo globalizado, está principalmente vocacionada para a vertente económica, pelo que o conceito não será desenvolvido neste trabalho.

¹¹Denominando-se de governança global, onde envolve aspetos internacionais, transnacionais e supranacionais, sendo da responsabilidade dos diferentes atores. Segundo Thomas G. Weiss, a governança global abrange os esforços coletivos para identificar, compreender ou lidar os problemas globais, que vão além da capacidade de resolução de cada Estado. Compreende assim, um complexo conjunto de mecanismos, relações, processos formais e informais entre Estados, mercados, cidadãos, organizações governamentais e não-governamentais. Deste modo, têm uma abrangência global que contempla as relações entre os diferentes atores do SI (ONU Economic and Social Council, 2006).

¹²Esta referência a Timor, um Estado recente, prende-se com a importância que é dada à governança para o desenvolvimento da sociedade, não só no que respeita ao governo democrático, ao exercício do poder, ao funcionamento das instituições, mas também às relações sociais das pessoas.



infraestrutura não é apenas uma questão de estradas, escolas e redes de energia. É também uma questão de fortalecer a governança democrática e o papel do Estado. Sem responsabilidade, não só do governo para com seu povo, mas das pessoas umas com as outras, não há esperança de um Estado democrático viável” (Ki-moon, 2011).

O FMI, em cooperação com os seus membros, promove governança, designadamente aquando do processo de supervisão, decorrente de empréstimos, e assistência técnica aos seus membros. Não obstante este facto, as preocupações do FMI abarcam essencialmente questões económicas, nomeadamente, o desempenho macroeconómico e a sustentabilidade das políticas económicas em colaboração com outras instituições (FMI, 2011).

Deste modo, estamos perante um conceito que se define pelo estudo dos aspetos sociais, económicos e políticos do Estado e da sociedade, avaliando as normas, processos e condutas através dos quais se articulam interesses, se gerem recursos, aliado ao exercício do poder, constituindo um fator-chave nas estratégias de luta contra a pobreza e promoção do desenvolvimento (Comissão Europeia, 2003).

Segundo o Banco Mundial, a governança consiste na forma como a autoridade das instituições é exercida num país, o que inclui o processo pelo qual os governos são escolhidos, monitorizados, substituídos, a capacidade do governo de efetivamente formular e implementar políticas sólidas, o respeito dos cidadãos e do Estado para com as instituições e as interações económicas e sociais entre eles (Worldbank, 2011).

As maiores ameaças à boa governança vêm da corrupção, da violência e da pobreza, que prejudicam a transparência, a segurança, a participação da população e as suas liberdades fundamentais. A governança democrática traz avanços ao desenvolvimento, ao juntar esforços para lidar com tarefas como a erradicação da pobreza, a proteção ao meio ambiente, a garantia da igualdade de sexos, proporcionando meios sustentáveis de subsistência. Ela assegura que a sociedade civil desempenhe um papel ativo no estabelecimento das prioridades e torne conhecidas as necessidades das pessoas mais vulneráveis (ONU, 2011).

Os indicadores do Banco Mundial medem precisamente os aspetos acima referidos como essenciais à governança dos Estados e que, seguidamente, desenvolveremos: “Controlo da corrupção”, “Estabilidade política e ausência de violência”, “Estado de Direito”, “Voz e responsabilidade”, “Eficácia do governo” e a “Qualidade legislativa”.



(1) Os indicadores do nível de governança

A vantagem já enunciada da adoção deste conceito é o seu pragmatismo e o facto de medir aspetos importantes como a segurança e estabilidade política, a confiança e respeito pelas regras da sociedade, a responsabilização e o nível de corrupção, que consideramos serem variáveis de análise importantes na luta contra o terrorismo e que influenciam três aspetos importantes: o controlo do fenómeno pelas autoridades, as motivações dos indivíduos e o financiamento de organizações terroristas.

O Banco Mundial utiliza seis indicadores para medir o nível de governança em cada país, obtidos pela compilação de informação oriunda de diversas fontes de credibilidade internacional (Worldbank, 2011), a saber:

“Voz e responsabilidade” - Este indicador dá-nos informação da perceção que os cidadãos têm sobre a sua capacidade de participar na seleção livre dos seus governantes, da possibilidade da sua responsabilização política e da perceção sobre a sua liberdade de expressão, liberdade de associação e liberdade de imprensa;

“Estabilidade política e ausência de violência” – Indicador que nos dá a perceção da probabilidade do governo ser desestabilizado ou derrubado por meios inconstitucionais ou violentos, sejam internos ou motivados por ações terroristas;

“Eficácia do governo” – Este indicador informa-nos da perceção da qualidade dos serviços públicos e o grau de independência das pressões políticas. Dá-nos ainda informação sobre a qualidade da formulação e implementação das políticas governativas, e da credibilidade do governo em cumprir os compromissos assumidos;

“Qualidade legislativa” – Indicador que avalia a perceção da capacidade do governo em formular e implementar políticas sólidas e legislação que permita e promova o desenvolvimento do setor privado;

“Estado de Direito” – capta a perceção da confiança e respeito pelas regras da sociedade, em particular o cumprimento dos contratos, dos direitos de propriedade, a eficácia da polícia e dos tribunais, assim como a probabilidade de ocorrência de crimes e violência;

“Controlo da corrupção” – Este indicador mede a perceção de como o poder público é exercido em proveito de privados, incluindo a pequena e a grande corrupção, assim como o domínio das elites e dos interesses privados sobre o Estado.



(2) O nível de governança dos Estados aferido pelo Banco Mundial

Os indicadores do Banco Mundial são calculados através de dados obtidos de diversas fontes que incluem pesquisas realizadas junto de empresas, famílias, assim como a avaliação de uma variedade de fornecedores de informações comerciais, organizações não-governamentais (ONG) e entidades do setor público. Por exemplo, para a obtenção dos dados relativos a 2010¹³, foram utilizados um conjunto de 30¹⁴ fontes em que cada uma delas forneceu dados para os seis indicadores de governança adotados (Worldbank, 2011).

Assim, depois de obtidos os valores dos seis indicadores, e ainda que estes contenham uma margem de erro, é possível fazer comparações dos índices de governança entre os países e analisá-los com um índice de confiança de 90% (Kaufmann et al., 2010), o que comprova ser um conceito mesurável, com um grau de confiança elevado.

b. O Terrorismo

O tema “terrorismo” foi deveras debatido em diversos estudos e fóruns. Podemos confirmar a ambiguidade do conceito, quando a própria ONU não consegue o consenso internacional sobre esta matéria, pois para alguns Estados, nomeadamente os que foram palco das lutas de libertação colonial e para a generalidade dos Estados árabes, face às questões territoriais associadas ao conflito com Israel, existe uma perceção diferente, em relação aos Estados ocidentais, na identificação das vítimas da violência e dos que a praticam, i.e., para uns, terrorismo, é o que outros chamam de luta pela liberdade (Montenegro, 2006).

De entre múltiplas definições possíveis, podemos mencionar conceitos como o do Código¹⁵ dos EUA, em que “terrorismo significa violência premeditada, politicamente motivada, perpetrada contra alvos não combatentes por parte de grupos subnacionais ou agentes clandestinos, geralmente com a intenção de influenciar uma audiência” (US Department of State, 2002 cit. por Tomé, 2004, p.174) ou então, uma que realçamos pela sua simplicidade, sem, no entanto, descurar os aspetos chave e que adotaremos no decorrer deste estudo, de Bruce Hoffman (1998 cit. por Gray, 2007, p.249): **“Terrorismo é a criação deliberada e a exploração do medo através do uso, ou da ameaça, da violência**

¹³Os dados relativos a 2010 são os últimos disponibilizados pelo Banco Mundial.

¹⁴Ver apenso I.

¹⁵O Código é uma compilação das leis gerais e leis federais dos EUA.



para fins políticos”¹⁶. Verificamos assim, que estamos sempre perante o uso, ou a ameaça de uso, da violência para criar e explorar o medo nas populações, para fins políticos.

A evolução da humanidade presenciou diversos exemplos de recurso ao terrorismo, por parte de diferentes tipos de atores, em nome de causas que visavam objetivos díspares. Também as justificações são de natureza distintas, passando pela: “pobreza e exclusão social; a instrução manipulada; situações de injustiça e humilhação histórica; a luta contra os ocupantes e invasores; a luta pela justiça e liberdade; a libertação de um povo ou de uma região; o direito à autodeterminação; etc.” (Tomé, 2007, p.54).

(1) Modelos de Terrorismo - Do terrorismo de Estado à sua internacionalização

A forma de atuar das organizações terroristas variam de acordo com diversos fatores que permitem caracterizar diferentes modelos de terrorismo. Também aqui, a classificação é diversa entre os estudiosos desta matéria, pelo que apresentamos a seguir a sistematização de modelos de terrorismo utilizada por Ferreira (2006, pp.39-43), por considerarmos que reflete a evolução do fenómeno pois, ainda que os modelos na generalidade sejam transversais no tempo, eles predominam em períodos diferentes. Deste modo, o autor identifica os modelos de terrorismo de Estado, o terrorismo de ordem internacional, o terrorismo assimétrico e terrorismo internacional.

O terrorismo de Estado assenta num sistema ou governo baseado no terror, como aconteceu durante a revolução francesa¹⁷. Neste período, os governos ditatoriais condenaram milhares de pessoas à morte na guilhotina partindo da premissa de Maquiavel “o príncipe não pode exigir o amor dos seus súbitos mas pode impor-lhes o medo” (Moreira, s.d. cit. por Ferreira, 2006, p.40). Existem diversos exemplos deste modelo de terrorismo durante a história que perdurou até aos nossos dias, e.g., desde os populistas russos que mataram o Czar¹⁸ e que se orgulhavam de serem chamados de terroristas, afirmando Lenine que “o propósito do terrorismo é o de produzir terror” (s.d. cit. por Tomé, 2007, p.54), passando pelo regime nazi que exterminou milhões de judeus e outras minorias, até ao atual regime vigente na Coreia do Norte.

¹⁶Tradução livre.

¹⁷Em 1793.

¹⁸O Czar Nicolau II foi assassinado em 1918 na sequência da revolução Russa de 1917.



O “terrorismo de ordem internacional”¹⁹ surgiu com o mundo bipolar do pós-Segunda Guerra Mundial e garantiu o equilíbrio entre os dois blocos da época liderados pelos EUA e pela União Soviética. Neste caso, a dissuasão²⁰ baseava-se na ameaça da destruição mútua, assente no poderio nuclear de ambas as potências, o que garantia a não-agressão entre os blocos dominantes no mundo bipolar da época. Deste modo, o terror equilibrou o conflito (Moreira et al., 2004 cit. por Ferreira, 2006, p.40). Contudo, ambas as potências procuravam a dissimetria²¹, através da corrida ao armamento convencional e nuclear por forma a obter vantagem sobre o inimigo.

O “terrorismo assimétrico” é transversal à história da humanidade, sendo utilizado por entidades com “menos poder”, portanto distinto dos modelos anteriores, em que o terror partia dos próprios Estados. Assim, grupos não estatais procuram atingir os adversários nos seus pontos fracos negando-se ao confronto convencional, utilizando ações seletivas²², como acontecia até ao início do século XX, ou de ações sistemáticas sobre alvos políticos, militares e policiais ou, civis, como faziam os movimentos separatistas dos anos 60 e 70, em África e na América Latina, e os movimentos do *Irish Republican Army* (IRA), das Forças Armadas Revolucionárias Colômbia (FARC) do *Euskadi Ta Askatasuna* (ETA) e Organização para a Libertação da Palestina (OLP). Este modelo de terrorismo visa afetar a confiança da sociedade civil em relação aos seus líderes políticos e procurar obter o controlo político de um território, através de meios não convencionais para os quais o Estado não está preparado, lançando a confusão nos seus sistemas de defesa e segurança.

Todavia, segundo Tomé (2004, pp.169 - 170), estes atores assimétricos, podem ser entidades não estatais ou estatais²³, com laços entre si, podendo ser instrumentos dos objetivos políticos de governos. No entanto, a tendência é que estes atores sejam independentes dos Estados, como é o caso de alguns grupos terroristas já referidos e outras

¹⁹Não confundir com terrorismo internacional que se desenvolverá mais tarde.

²⁰Neste caso, a dissuasão assentava na capacidade de punir, conceito que veio a evoluir para a capacidade de negação ou de defesa, com a Estratégica de Defesa lançada pelo Presidente Reagan, no final da Guerra-Fria, em meados da década de 1980 (Espírito Santo, 2011).

²¹Desproporcionalidade de meios (quantitativos e qualitativos) de uma das partes que permite a superioridade sobre o opositor.

²²Quando intentadas contra alvos muito específicos, e.g., líderes políticos como foi o caso do assassinato do Arquiduque Francisco Fernando, em Sarajevo, que veio a ser o catalisador da I Guerra Mundial.

²³Os Estados em situação de vulnerabilidade e inferioridade estratégica e Estados “pária” (Estados sem credibilidade por não respeitarem as regras da comunidade internacional) podem ser considerados atores assimétricos.



organizações criminosas, com motivações dúbias entre a natureza ideológico-política e a associação criminosa.

Estes grupos surgem de “poderes erráticos”, nascidos no seio dos próprios Estados, sendo um poder que “não tem necessariamente um território próprio, precisa de um hospedeiro que forneça o santuário, mas procede nos moldes de um Estado: é obedecido por largas massas da população, alimenta o orçamento de maneira violenta ou consentida, sustenta forças armadas, leva a guerra sobre a forma de terrorismo a vários territórios de Estados diferentes, tem eventualmente um projeto de estabilização final sobre a forma de Estado clássico” (Moreira, 1999, p.322).

O “terrorismo internacional” caracteriza-se pelo facto dos atores assimétricos, anteriormente referenciados, receberem apoios externos formais ou informais e desenvolverem as suas ações em territórios de outros Estados. Esta internacionalização do terrorismo começa a ganhar maior expressão com os ataques terroristas fora do espaço israelo-palestiniano, levados a cabo por organizações, como a FPLP, em finais dos anos 60²⁴ e com o ataque perpetrado pela organização terrorista “Setembro Negro” que vitimou os atletas israelitas nos Jogos Olímpicos de Munique, em 1972. Desta forma, os palestinianos pretendiam chamar a atenção para a sua causa e para a longa luta com Israel, dando à sua luta terrorista uma natureza internacional.

Esta internacionalização intensificou-se nos anos 90, surgindo organizações terroristas que passaram a atuar a nível global, com recursos também obtidos globalmente e caracterizando-se pelo TNT, de que é exemplo a *Al-Qaeda*.

(2) O terrorismo “tradicional” e o “Terrorismo de Novo Tipo”

Além dos modelos anteriormente identificados, consideramos ainda importante, neste estudo, fazer a distinção entre o terrorismo tradicional e o TNT²⁵. Segundo Luís Tomé (2004, p.176), o “terrorismo tradicional” é uma tática, utilizado para chamar a atenção para uma causa e, normalmente, não envolvem matanças indiscriminadas, que repugnariam a sua base social de apoio, tendo objetivos e motivações muito precisos, atuando num território delimitado e sendo os seus operacionais recrutados na população, em função da sua ideologia política ou religiosa. Colin Grey (2007, pp.256-59) tem uma abordagem semelhante, chamando-lhe de “*old terrorism*” e dando como exemplo as ações

²⁴Com o desvio de aviões comerciais, especialmente norte americanos e israelitas.

²⁵O terrorismo tradicional insere-se no modelo de terrorismo assimétrico; O TNT insere-se nos modelos de terrorismo assimétrico e internacional.



levadas a cabo pela Organização para a Libertação da Palestina (OLP) e pela maioria dos grupos anti-israelitas, sublinhando também os objetivos políticos de base secular, focados em questões que podem ser discutidas diplomaticamente.

Contudo, as atividades cometidas através da infiltração dos operacionais noutros Estados ou que tenham por objetivo alvos estrangeiros deram-lhe um caráter internacional. Esta internacionalização evoluiu para a globalização de meios e alvos. Deste modo, os seus membros passaram a ser oriundos de diversas nacionalidades, independentemente, de etnias ou ideologias, identificando-se todos com a interpretação radical e violenta da integridade da *jihad*²⁶ islâmica, e na forma de atuação em rede implantada a nível mundial, passando a ter uma natureza transnacional.

Colin Gray chama-lhe de “*New Terrorism*” e considera que tem inspiração religiosa, com objetivos políticos não claramente definidos, não se focando num só espaço geopolítico, revelando um total desrespeito pela vida humana (Gray, 2007, p.259).

Luís Tomé caracteriza o TNT como um produto de fações ou grupos múltiplos e da emergência de uma rede ligada pelo fundamentalismo islâmico e pelos ódios comuns, sem bases fixas proliferando células em todo o tipo de países²⁷ (Tomé, 2004, p.180). Este terrorismo visa o estabelecimento de uma ordem revolucionária supranacional, à escala mundial, como é o exemplo da *Al-Qaeda*, que tem por base a modificação da atual ordem internacional e o estabelecer de um Califado no coração do mundo islâmico, i.e., no Iraque, regido por uma *Sharia*²⁸ concebida a partir de uma interpretação integrista do Corão, procurando assim a transformação da sociedade muçulmana, limpando-a de inovação doutrinária (Zuhur, 2005 cit. por Garcia, 2006).

c. O Fundamentalismo Islâmico

O fundamentalismo islâmico pode atuar como um catalisador do TNT, pelo que consideramos importante fazer uma breve incursão a fim de compreender melhor este fenómeno, ressaltando desde já que fundamentalismo islâmico não é sinónimo de terrorismo islâmico.

²⁶Conceito da religião islâmica que significa empenho, esforço, luta, mediante vontade pessoal, da procura e conquista da fé perfeita. Para os ativistas radicais significa a Guerra Justa do Dar-al-Islam (mundo do Islão) contra o Dar-al-Harb (o mundo de guerra).

²⁷Países desenvolvidos, subdesenvolvidos, democráticos liberais, muçulmanos moderados, Estados falhados, entre outros.

²⁸Lei islâmica baseada no alcorão e na Sunna, é o exemplo sagrado para a vida Islâmica (Silva, 2011, p.111).



Como podemos constatar no livro de Teresa de Almeida e Silva (2011, pp.130 - 134) sobre o Islão e o Fundamentalismo Islâmico, a origem do fundamentalismo perde-se na história, podendo mesmo considerar-se que começou a ser alimentado com as Cruzadas, passando pelo colonialismo até à política externa dos Estados Ocidentais dos dias de hoje. Contudo, é no início do século XX, quando o Ocidente colonizava os países muçulmanos, na sequência da desintegração do Império Otomano e impunha os seus modelos, que o fundamentalismo ganha expressão, apesar de Estados independentes como a Turquia²⁹ e o Irão³⁰ terem também adotado regimes seculares no início deste século.

Também a criação do Estado de Israel e a posição do Ocidente no conflito Israelo-Palestiniano ao longo dos últimos 60 anos tem alimentado os ódios na região.

Durante a Guerra-Fria surgem movimentos de países não-alinhados com os blocos dominantes, realizando-se a conferência de Bandung³¹, onde foi procurada uma alternativa aos sistemas comunistas e capitalistas e um objetivo maior, o pan-arabismo, com a criação de um novo Estado árabe que integraria os povos com a mesma tradição, cultura, religião e língua fazendo recordar a aspiração do restauro do antigo Império Otomano.

Realça-se ainda que o êxodo das populações rurais para os centros urbanos, sobrelotando as cidades e levando à criação de bolsas de pobreza e à rotura dos serviços e infraestruturas urbanas, criou frustração nas populações perante a incapacidade dos Estados em resolver os seus problemas. Este facto levou os Muçulmanos a refugiarem-se nas suas tradições culturais e religiosas, alienando-se da sociedade que os rodeava (Silva, 2011, pp.62-65).

Deste modo, os movimentos nacionalistas encontravam na religião uma alternativa ao modelo então vigente que não tinha conseguido resolver os problemas sociais políticos e económicos destas sociedades. Estes movimentos, assentes em ressentimentos e numa xenofobia cultural, surgem como uma reação aos modelos capitalistas ou marxistas impostos pelos dois blocos da Guerra-Fria. Estes fracassos arrastam a sociedade muçulmana para o regresso dos fundamentos da fé e o aparecimento do moderno fundamentalismo islâmico advogando o “renascimento espiritual e o regresso ao «verdadeiro caminho», o qual inspirou a primeira comunidade de crentes.” (Silva, 2011, p.65), defendendo que o fim último de cada muçulmano na terra é lutar pela instauração de

²⁹ Após a queda do Império Otomano em 1923, adota um regime secular abolindo o califado.

³⁰ Entre 1925 e 1979 tem um regime secular que terminará mais tarde com a revolução Islâmica de Aiatola Khomeini.

³¹ Realizada entre 18 e 24 de Abril de 1955, na Indonésia.



uma ordem islâmica através da *Jihad* que será levada a todos aqueles que se lhe oponham. Em nome de Alá, condenam-se todos os movimentos místicos do Islão, como o Sufismo³² considerando que a *Jihad* não assenta numa posição de contemplação passiva. Também os governantes e as instituições devem agir em conformidade com os preceitos da *Sharia*, nos precedentes estabelecidos pelo profeta e pelos primeiros quatro Califados Bem Guiados³³ (Silva, 2011, p.65).

Por fim, com a queda do muro de Berlim, a influência dos EUA e da União Soviética na região desvaneceu-se, dando origem ao aumento de conflitos regionais que se revelaram propícios ao surgir de grupos terroristas, e.g., a *Al-Qaeda*, criada em 1988, na sequência da guerra do Afeganistão com a União Soviética, que se virá a desenvolver e a assumir o papel da organização terrorista que mais ameaça o Ocidente.

Verificamos então que o subdesenvolvimento dos Estados e a incapacidade de proporcionar aos seus cidadãos as expetativas económicas e sociais criadas com base em modelos ocidentais foram um aspeto importante no desenvolvimento do fundamentalismo religioso.

d. A dinâmica do terrorismo na governança dos Estados

Com o intuito de aferir a forma como o nível de desenvolvimento dos Estados está relacionada com o terrorismo, iremos analisar os Estados onde este fenómeno ocorre com maior frequência e o número de vítimas mortais daí resultantes. Posteriormente, verificaremos qual a relação com o nível de governança atribuído pelo Banco Mundial a esses Estados.

(1) Casos de terrorismo

De acordo com o *National Counterterrorism Center* (2011, pp.4-5) o terror é utilizado em muitas frentes, por diversos atores, em diferentes circunstâncias e com objetivos diferentes, devendo a análise de dados ser feita, com contenção quando se pretende analisar o sucesso da luta contra o terrorismo. Assim, devemos ter cautela na interpretação da evolução dos números, de ano para ano, quer de ataques ocorridos, quer de vítimas, devendo considerar diferentes limitações, na interpretação da informação disponibilizada.

³²Corrente mística e contemplativa do Islão.

³³Os quatro líderes do Califado de *Rashidun*, da tradição sunita que sucederam ao Profeta, escolhidos de entre os seus companheiros mais próximos.



A maior limitação, decorre desde logo, do facto do conceito de terrorismo não ser consensual, como constatamos no presente capítulo, o que pode influenciar a contagem dos atos classificados como tal e a subjetividade de quem faz a recolha da informação. Acresce ainda o facto de mais de metade dos registos relativos a ataques terroristas, constantes na generalidade das bases de dados, não envolverem perda de vidas humanas, sendo contabilizados do mesmo modo e com o mesmo grau de importância, e.g., ataques com *improvised explosive devices* (IED) ou *vehicle-borne IED* (VBIED), de onde normalmente resultam centenas de mortes, são contabilizados como um ataque sem qualquer vítima e/ou com baixo nível de danos³⁴. Por fim, devemos também considerar que, de ano para ano, aumentam as fontes utilizadas na contabilização dos dados, o que dificulta a comparação com anos anteriores.

Não obstante as limitações na contabilização dos dados, comprovadas pela disparidade de informação constante na generalidade das bases de dados, estes podem ajudar a compreender as **tendências** relativamente aos países onde ocorrem os ataques e o número de vítimas mortais daí resultantes. Esta disparidade verifica-se também nas duas bases de dados utilizadas nesta investigação: a WITS e a GTD³⁵.

Assim, neste capítulo, utilizaremos a informação disponível na WITS do *National Counterterrorism Center* (NCTC), que tem como missão disponibilizar ao governo dos EUA informação estatística sobre o terrorismo. A sua metodologia é baseada na contabilização dos dados disponibilizados em relatórios e fontes abertas, sendo posteriormente colocada no repositório, que compila os dados desde 2004 e os disponibiliza na internet (National Counter Terrorism Center, 2011). Deste modo, analisaremos os dados disponíveis relativos ao período entre 2004 e 2010, a fim de

³⁴Embora exista uma diferença muito significativa entre os efeitos, os ataques são contabilizados pelo seu valor absoluto.

³⁵Tendo constatado durante a investigação da existência de valores diferentes entre as duas fontes, questionamos a GTD quanto aos motivos da disparidade de dados relativos à WITS, tendo obtido a seguinte justificação: “Obrigado pelo seu interesse na GTD e pela sua atenciosa questão. A NCTC baseia as suas análises na Worldwide Incidents Tracking System (WITS). A WITS e a GTD recolhem os dados de forma independente e uma série de diferenças metodológicas podem explicar a discrepância entre as duas. Temos realizado comparações bastante abrangentes para ajudar a compreender essa questão e temos observado que as discrepâncias variam consideravelmente por localização. Por exemplo, as diferenças são particularmente significativas no Afeganistão (3346 vs 530) e no Iraque (2687 vs 1176) em 2010. A recolha de dados sobre eventos terroristas pode ser particularmente difícil no contexto de uma guerra. Embora o nosso processo de recolha de dados inclua a revisão dos casos da WITS, nós exigimos pelo menos uma fonte primária de alta qualidade para considerarmos a contabilização de um caso na GTD. Muitos dos casos da WITS que analisamos, não conseguimos localizar uma fonte aberta independente. Consistentemente, revemos os dados existentes na GTD para nos assegurarmos que estão tão completos quanto possível, mantendo a nossa prática de exigir pelo menos uma fonte primária de alta qualidade para cada caso” (Miller, 2012) (tradução livre).



percebermos a tendência de evolução do fenómeno a nível global e, esperando com a utilização de um período de sete anos, debelar flutuações anuais provocadas por circunstâncias específicas e pontuais. Posteriormente, analisaremos também os dados relativos a 2011 para perceber se diferem significativamente da tendência verificada no período dos sete anos anteriores.

Refira-se que nesta investigação, os valores absolutos serão utilizados apenas como valores de referência para compreender em que Estados ocorrem com maior frequência ataques terroristas e se esta frequência tem correspondência com um maior número de vítimas no período em análise, para, seguidamente, cruzar com o nível de governança.

Deste modo, entre 2004 e 2010, constatamos que ocorreram 77 175 registos de atos terroristas em 146 países³⁶. Verificamos ainda que neste período 29 países, i.e., 20% do universo total, foram alvo de 75 243³⁷ ataques, o que representou 97,5% do total de atentados. Todos estes 29 países tiveram mais de 100 atentados nesse período, representando as ocorrências no Iraque cerca de um terço do total de ataques, como podemos verificar no gráfico 1.

As vítimas mortais são superiores ao número de atentados nos países que têm uma frequência muito elevada de ataques, e.g., o Iraque e o Afeganistão, sendo Estados onde existem conflitos. Analisando o número de atentados na amostra, cerca de 50% dos países têm um número de vítimas mortais inferior ao número de atentados. No entanto no geral a média por atentado destes 29 países é de 1,4 vítimas.

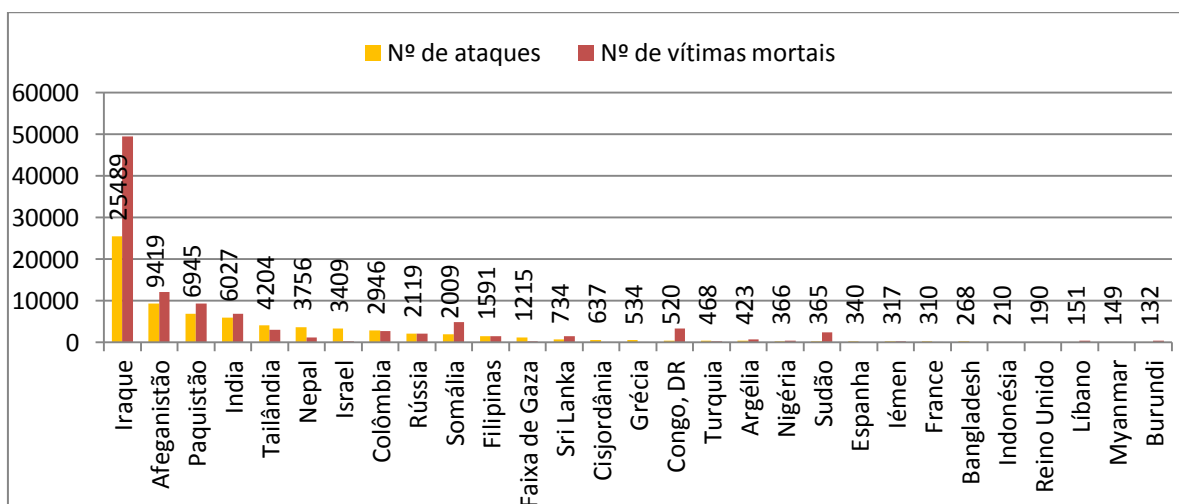


Gráfico 1 - Ataques terroristas e vítimas mortais entre 2004 e 2010

³⁶Para análise estatística foram considerados os países de todos os continentes disponibilizados na WITS alvos de ataques terroristas.

³⁷Ver anexo B - Mapa de ataques terroristas entre 2004 e 2010 e anexo C - Dados dos ataques Mundiais entre 2004 e 2010.



Analisando o ano seguinte, em 2011, ocorreram 10 281³⁸ incidentes com 12 532 vítimas mortais, verificando-se que em 29 países, ocorreram 10 152 correspondentes a 99% do total de casos desse ano e que apenas o Sri Lanka, França, Espanha e Bangladesh deixam de constar na lista dos 29 países com mais atentados³⁹, entrando no seu lugar o Paraguai, o Chile, o Egípto, e o Quênia. Esta alteração deve-se, por um lado, à diminuição ou extinção das atividades terroristas de grupos como a ETA, em Espanha e os Tigres Liberação do Tamil Eelam (TAMIL), no Sri-Lanka e ao esforço na luta antiterrorista do Bangladesh. Por outro lado, o aumento de casos, nos países referidos, resultou da instabilidade no Norte de África e Médio Oriente, como consequência do movimento “Primavera Árabe”, do incremento de atividades anarquistas no Chile⁴⁰, do aumento de atividade do Exército Popular Paraguai⁴¹ e das dificuldades do Quênia na luta contraterrorista, nomeadamente, em conter o tráfico de armas, combater a corrupção e impedir o recrutamento em campos de refugiados (United States Department of State, 2011). Refira-se que estas alterações dizem respeito a países com baixo nível de incidência de ataques, neste grupo de países. Assim, excluindo estes casos pontuais, podemos afirmar que a **tendência** dos países alvo de ataques se manteve em 2011, comparativamente com os sete anos anteriores, surgindo agora Afeganistão no topo dos Estados alvo de incidentes terroristas.

Podemos ainda constatar no gráfico 2, que 64% dos casos em 2011 ocorreram em três Estados muçulmanos, Iraque, Afeganistão e Paquistão, naturalmente influenciados pelos conflitos que decorreram na região.

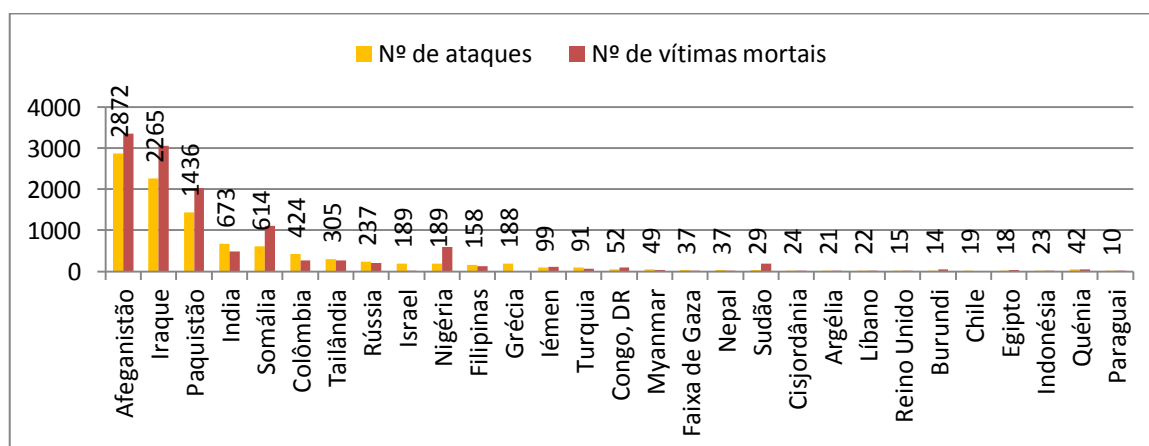


Gráfico 2 - Ataques terroristas e vítimas mortais em 2011

³⁸Em 70 Estados (Worldwide Incidents Tracking System, 2012).

³⁹No período de 2004 a 2010.

⁴⁰Sem vítimas mortais.

⁴¹Movimento terrorista de esquerda, especialmente ativo no norte do país.



Relativamente ao número de vítimas mortais verificou-se que, se confirma a tendência verificada no período de 2004 a 2010 como se poder constatar no anexo D.

Analisando o gráfico 3, não podemos deixar de constatar que desde 2007, os ataques têm vindo a diminuir de frequência assim como a mortalidade resultante destes.

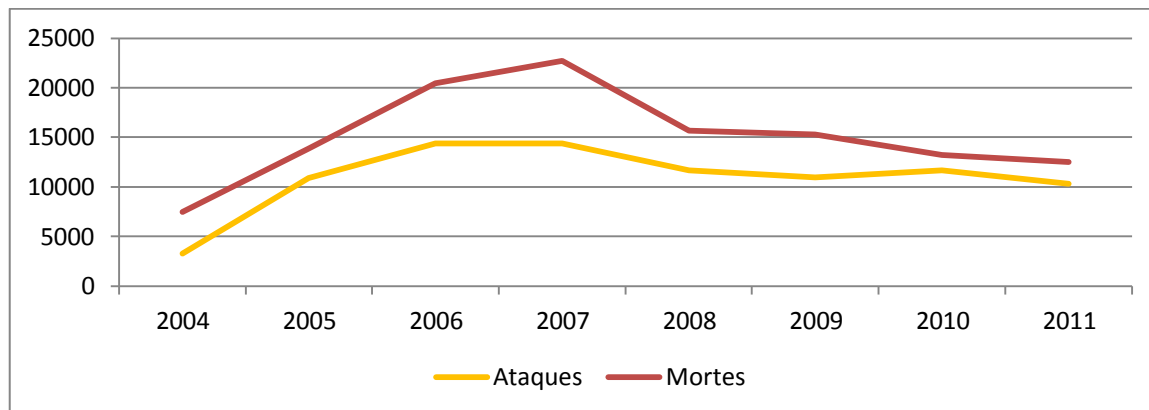


Gráfico 3 – Evolução dos Ataques terroristas mundiais entre 2004 e 2011

Desta análise, podemos constatar algumas tendências, sem prejuízo de exceções pontuais: os países com maior frequência de incidentes terroristas, têm-se mantido ao longo do tempo, não obstante algumas exceções, relacionadas com a redução de atividade ou mesmo inatividade de grupos como os TAMIL e a ETA; a maior frequência dos incidentes terroristas e vítimas mortais no mundo ocorrem em países islâmicos onde o Ocidente tem intervindo militarmente como o Iraque e o Afeganistão; a frequência de ataques tem vindo a diminuir nos últimos anos, assim como, o número total de vítimas mortais por atentado.

(2) O nível de Governança dos Estados

Seguidamente, faremos o cruzamento dos casos de terrorismo com o nível de governança, no entanto, por uma questão de necessidade de síntese, iremos delimitar a investigação aos indicadores de governança, que consideramos que mais influenciam o desenvolvimento deste fenómeno, sem prejuízo da importância dos restantes: “Estabilidade política e ausência de violência” que está associado ao nível de violência existente num Estado, designadamente, as ações terroristas, “Estado de direito” que está ligado à probabilidade de ocorrência de crimes e violência, e o “Controlo da Corrupção” por se considerar que a corrupção facilita o financiamento das organizações terroristas.



No gráfico 4, apresentam-se os indicadores de governança⁴², relativos aos 29⁴³ países onde ocorreram os 97,5% dos atentados, entre 2004 e 2010, cujo valor corresponde à sua posição relativa, num universo superior a 200 países⁴⁴.

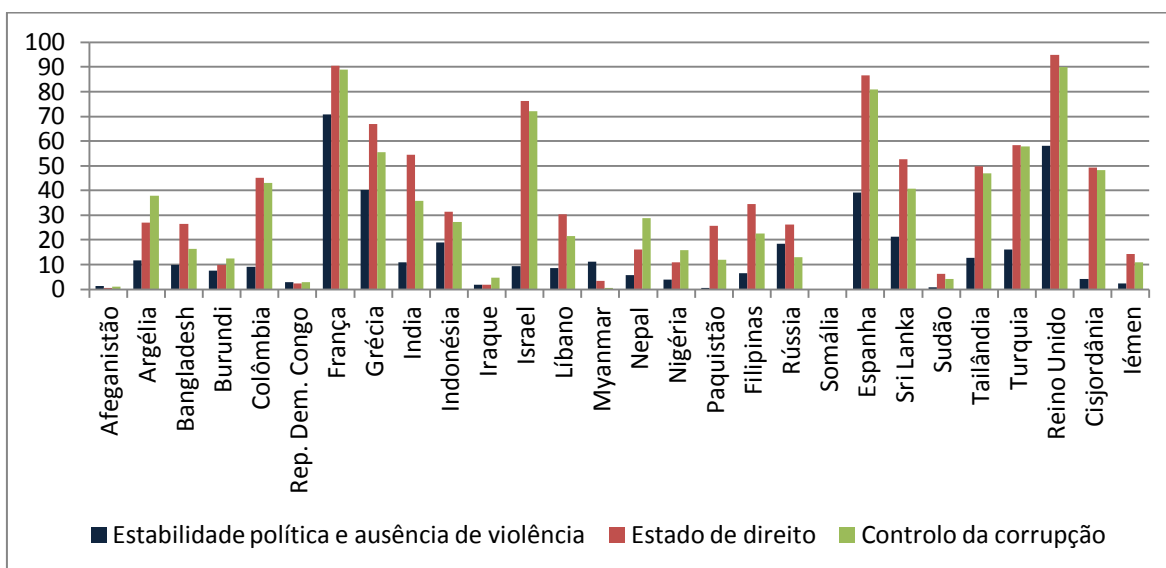


Gráfico 4 – Indicadores de “Estabilidade política e ausência de violência” “Estado de Direito” e “Controlo da corrupção” em 2010

Constatamos que a grande maioria dos 29 países apresentam o indicador de “Estabilidade política e ausência de violência” situado abaixo dos 25 pontos, à exceção da França, Grécia, Espanha e Reino Unido e que apenas a França e o Reino Unido estão acima da média mundial.

No que respeita aos indicadores controlo da corrupção, seis Estados estão acima da média mundial, França, Grécia, Espanha, Israel, Turquia e Reino Unido. Relativamente ao indicador Estado de direito a realidade é semelhante ao indicador anterior, juntando-se apenas a Índia e o Sri Lanka com valores acima da média mundial.

No que respeita ao número de vítimas mortais, verificamos que Estados com nível de governança muito baixo têm, tendencialmente, um número de vítimas mortais superior ao número de atentados, e.g., o Iraque, o Afeganistão, o Congo, Sudão e a Somália.

Assim, verificamos que os Estados onde ocorrem mais ataques terroristas têm, na sua maioria, os valores dos indicadores do nível de governança mais baixos, relativamente aos restantes países.

⁴²Ver anexo A - Indicadores de governança

⁴³Não existem dados relativos à Faixa de Gaza.

⁴⁴Ao país com a melhor classificação, em cada indicador é atribuído o valor 100.



2. As Motivações dos Terroristas

As organizações terroristas têm normalmente objetivos e motivações muito precisos, estando presentes reivindicações políticas, sociais e nacionais, confinando, normalmente, as suas atividades num determinado território ou país e os seus membros são normalmente recrutados num grupo populacional delimitado, em função das causas específicas do grupo, sejam ideológicas religiosas ou nacionais (Tomé, 2004, p.176).

Como vimos anteriormente, o fim principal do terrorismo é de natureza política, ainda que, em determinados casos, estas motivações sejam difusas e de difícil percepção aos olhos do Ocidente, como acontece, por exemplo, com a *Al-Qaeda*.

No entanto, as motivações que levam os membros das organizações terroristas a juntarem-se a estas estruturas e levar a cabo atos de violência, nem sempre são coincidentes com as motivações destas, distinguindo-se assim as motivações do terrorismo das motivações dos terroristas. É sobre estas últimas que nos iremos debruçar por considerarmos que, se conseguirmos combatê-las, será uma forma de enfraquecer o terrorismo, através da diminuição dos seus apoiantes.

Deste modo, estando a evolução do terrorismo associada aos seus seguidores e à sua predisposição para operacionalizar os seus objetivos, importa identificar as motivações dos seus membros, por forma a combater este fenómeno. Frequentemente, deparamo-nos com explicações sob a forte influência de preconceitos, em associar o fenómeno à pobreza, desemprego, fundamentalismo religioso e, por vezes, à instabilidade psicológica ou mental.

Na literatura, podemos encontrar diversas teorias sobre a motivação dos terroristas, que abrangem aspetos psicológicos, socioeconómicos, ideológicos e religiosos, deparando-nos com estudos académicos no âmbito das ciências sociais e humanas que tentam identificar o perfil e personalidades tipo dos apoiantes do terrorismo. Seguidamente, analisaremos algumas dessas teorias, nomeadamente a da escolha racional, a estrutural ou social, a da privação relativa, a do movimento social e a baseada na psicologia procurando, posteriormente, enquadrar a adesão dos indivíduos às organizações terroristas nestas teorias.

a. As teorias da motivação

(1) A teoria da escolha racional

Segundo a teoria da escolha racional, o indivíduo pondera a relação custo-benefício dos seus atos e decide juntar-se a organizações terroristas, dispondo-se a praticar atos violentos. Partimos, assim, do pressuposto que o ser humano faz escolhas de acordo com



os seus interesses, procurando fazê-lo com o mínimo de custos pessoais ou materiais. Assim, a decisão é tomada se os benefícios superarem os custos decorrentes da prática destes atos cujos benefícios podem ser colhidos individual e coletivamente, beneficiando um determinado grupo, incluindo também aqueles que não participam ativamente (Nasser-Eddine et al., 2011, p.10).

Esta teoria falha considerando que as recompensas obtidas pela ação coletiva incluem sempre o interesse individual, não sendo assim necessária a participação para obter benefícios. Então, este facto levaria a que os indivíduos se desincentivassem de contribuir ativamente perante a perceção de que o seu esforço contribuiria pouco para os resultados globais e os seus interesses estariam salvaguardados pelas ações do grupo.

(2) A teoria estrutural ou social

Esta teoria introduz algumas variáveis na teoria da escolha racional no que respeita ao comportamento de grupos. A teoria estrutural ou social assenta na convicção de que grupos políticos violentos escolhem a violência como método estratégico e que o grupo tem valores partilhados por todos os seus membros, atuando de forma coletiva e optando pelo caminho do terrorismo perante um leque de alternativas. À semelhança da teoria anterior, os indivíduos têm uma escolha racional, mas aqui estão cientes de que sem a sua participação, os objetivos do grupo não são concretizados (Nasser-Eddine et al., 2011, p.11).

Nesta abordagem, a motivação ideológica está presente, sendo o terrorista um fanático que enfatiza as qualidades racionais do terrorismo e cuja recompensa será de natureza ideológica e política. Neste caso, os terroristas têm geralmente uma educação superior e são capazes de uma argumentação sofisticada, baseada na retórica e na análise política, embora altamente tendenciosa (Hudson, 1999, pp.31-32).

(3) A teoria da privação relativa

A teoria da privação relativa baseia-se no facto de um indivíduo acreditar que está privado de algo quando se compara aos outros económica, política ou socialmente. Esta teoria é defendida essencialmente por sociólogos, economistas e psicólogos. A fundamentação reside na existência de indivíduos que vivem em situações socioeconômicas degradadas e que estão em risco de sofrerem um processo de radicalização. Este processo decorre da frustração gerada pela, pobreza, desemprego e baixo nível educacional. Por exemplo, Pargeter (2006 cit. por Nasser-Eddine et al., 2011,



p.11) sugere que os jovens imigrantes, norte africanos, estão mais suscetíveis de caírem neste processo por viverem em situações precárias e a que se junta uma maior apetência para aceitar interpretações extremistas da religião, o que os tornam um grupo de risco instável e propenso à violência, utilizando o Islão como justificação das suas ações.

No entanto, esta teoria falha pela falta de evidências concretas pois a atividade criminosa é frequente entre os jovens das sociedades ocidentais em posições económicas e sociais semelhantes. A teoria da privação relativa baseia-se no modelo clássico sociológico que defende que a maior realização educacional e status socioeconómico, está associada a um menor índice de criminalidade.

(4) A teoria do movimento social

A teoria dos movimentos sociais comunga a opinião da teoria da privação relativa de que o catalisador da radicalização é a frustração. Esta radica no modelo psicológico da frustração-agressão, defendendo que quando o ser humano está frustrado usa meios agressivos para negociar a frustração (Rinehart, 2009 cit por Nasser-Eddine et al., 2011, pp. 11-12). Além da privação relativa, o indivíduo necessitará da manifestação extrema da teoria do movimento social que procure a mudança por meios radicais de ação coletiva como a guerrilha, insurreições, movimentos dissidentes e o terrorismo.

A falha na presente teoria é baseada no facto que as maiorias dos movimentos sociais não se radicalizam nem usam a via do terrorismo.

Pese embora este facto, os psicólogos e psiquiatras têm continuado a defender esta teoria, sendo o modelo de Moghaddam (2005 cit por Nasser-Eddine et al, 2011, p.12) uma referência, advogando que a utilização da violência política é o resultado da perceção que os indivíduos têm das condições materiais e das opções que têm disponíveis para superar as injustiças. Significa que o processo é gradual, i.e., à medida que se avança e as soluções para sair do estado de privação, das más condições socioeconómicas, desemprego, injustiça social não são proporcionadas pela sociedade, o indivíduo chega a um estado extremo de frustração que tem equivalente ao seu enraizamento em movimentos violentos como o crime e o terrorismo. Uma vez que o indivíduo atinge o “topo”, está radicalizado e motivado para realizar um ataque violento com danos para outros, ou para si e para outros, como acontece no caso dos ataques suicidas.



(5) A teoria baseada na psicologia

As teorias psicológicas do terrorismo estão principalmente preocupadas com a compreensão de como os fatores de grupo contribuem para a radicalização e atos de terror. O foco da pesquisa das teorias psicológicas do terrorismo é o funcionamento mental e a personalidade dos indivíduos. Os autores não são, necessariamente, psicólogos ou psiquiatras, mas tiraram as suas conclusões baseadas na psicologia e apoiando-se nas influências das doenças mentais ou traumas nos indivíduos e em influência sociológicas.

Contudo, não se conseguiu estabelecer um "perfil terrorista" consistente. Analisados os perfis de vários terroristas islâmicos, verificou-se uma considerável diversidade, podendo-se encontrar indivíduos bem financeiramente, e outros pobres, alguns altamente qualificados e outros sem instrução, alguns bem integrados e outros que vivem à margens da sociedade, alguns solteiros e outros casados, alguns com experiência traumáticas de infâncias e outros de origem de famílias estáveis, alguns com antecedentes criminais e outros exemplares cumpridores da lei. Ou seja, a única característica comum defendida por vários autores é que eram indivíduos que aparentam normalidade na maioria dos aspetos e que simples explicações socioeconómicas da radicalização são incapazes de responder por essa variedade (Nasser-Eddine et al., 2011, p.12).

O problema é que esta teoria presume que o terrorismo é instrumentalista e financeiramente motivado. No entanto, outros fatores como a perceção da discriminação e da política externa dos governos ocidentais, no que diz respeito a países muçulmanos, podem ser catalisadores de frustração que conduzem à radicalização, independentemente das condições económicas (Vidino, 2009 cit. por Nasser-Eddine et al, 2011, p.12).

Estudos psicológicos e psiquiátricos têm identificado algumas características de personalidade nos terroristas, sendo frequentes as explicações de natureza cognitiva, afetiva, controlo dos impulsos e algumas perturbações patológicas como a paranóia. Alguns autores classificaram de "mentalmente perturbados" os atacantes do 11 de Setembro sem, contudo, existirem provas materiais dessa possibilidade. Por outro lado, estudos têm mostrado não existirem características específicas de personalidade, dada a diversidade dos tipos de pessoas envolvidas. Investigações baseadas em entrevistas a membros de alguns grupos terroristas não conseguiram identificar quaisquer distúrbios de personalidade. De acordo com Colvard's (2002 cit. por Vertigans, 2008, p.9), "As pessoas que estão dispostos a usar a violência ao serviço de um ideal político são geralmente seres humanos comuns (...) não demónios ou psicopatas, mas pessoas que podem basear as suas



ações na moralidade, compromisso e lealdade a um grupo, que noutras circunstâncias deveríamos considerar admirável"⁴⁵, devendo o comportamento e as crenças dos membros do grupo serem enquadrados dentro dos contextos em que elas se desenvolvem. Em estudos, sobre ataques suicidas também não se encontraram evidências de coerção psicológica ou anormalidade relevantes. Em vez disso, Hassan (2001 cit. por Vertigans, 2008, p.5) observou que os indivíduos que realizam este tipo de ataques são considerados normais.

Numa análise pragmática, podemos afirmar que indivíduos com doença mental ou anormalidades perceptíveis não conseguiriam planejar, organizar e levar a cabo ataques terroristas, nem seriam aceites pelas organizações terroristas por colocarem em risco as próprias organizações.

Horgan (2005 cit Vertigans, 2008, p.6) argumenta que existe uma tendência para ignorar os processos pelos quais os membros das organizações terroristas se tornam violentos. O envolvimento com os grupos terroristas é acompanhado de potenciais dificuldades psicológicas e dilemas, mas isso não significa que os indivíduos tenham comportamentos psicologicamente desviantes.

As tentativas de explicar o terrorismo em termos puramente psicológicos levam a ignorar outros aspetos desta realidade como os fatores económicos, políticos e sociais que sempre motivaram ativistas radicais. Segundo Knutson⁴⁶ (1984 cit. por Hudson, 1999, p.23), que realizou um extenso projeto de pesquisa sobre a psicologia do terrorismo político, a premissa básica dos terroristas era "de que os seus atos de violência resultam de sentimentos de raiva e desespero gerados pela crença de que a sociedade não permite outra forma de acesso à divulgação da informação e outro processo de atingir os fins políticos"⁴⁷.

Assim, nas teorias analisadas identificamos motivações firmadas na relação custo benefício, na frustração, nas ideologias e na psicologia, sendo estas influenciadas por diversos fatores, como os ambientais, religiosos e de privação social, económica e política.

b. Fatores motivacionais de adesão a organizações terroristas

Considerando que os traços do indivíduo não o acompanham à nascença, então a adesão ao terrorismo é fomentada por fatores que resultam de influências emanadas de fatores ambientais que podem ser de natureza diversa.

⁴⁵Tradução livre.

⁴⁶Diretor Executivo da Sociedade Internacional de Psicologia Política.

⁴⁷Tradução livre.



Chalmers Johnson (1978 cit. por Hudson, 1999, p.16) e Martha Crenshaw (1981 cit. por Hudson, 1999, p.16) classificam os fatores que facilitam os indivíduos a serem instigados a atos de violência em dois tipos, os que resultam de pré-condições permissivas e os fatores situacionais diretos.

Os primeiros estão ligados às condições que permitem fomentar uma estratégia terrorista e que a tornam atraente para os dissidentes políticos, permitindo planejar com facilidade um atentado, levá-lo a cabo e encetar a fuga dos autores e são a urbanização, o desenvolvimento das redes de transportes, os meios de comunicação, a facilidade em adquirir armas e a ausência de medidas de segurança.

Os fatores situacionais diretos são os que servem de motivação aos terroristas, podendo ser de natureza ideológica, política, cultural, religiosa e socioeconômicos, que abordaremos seguidamente.

(1) Fatores de natureza política

Os fatores de natureza política sobrevivem de ambientes propícios em entidades subnacionais, e.g., as universidades, que são considerados locais onde muitos terroristas se familiarizam com ideologias, como a marxista-leninista ou outras ideias revolucionárias, e onde se envolvem com grupos radicais. Assim, os indivíduos ganham uma percepção do mundo diferente da dos governos ou da sociedade civil em geral, pelo que as suas crenças ajudam a determinar as suas estratégias e como eles reagem a políticas governamentais, enveredando pelo terrorismo. As suas convicções podem parecer irracionais para a sociedade em geral, mas para estes são racionais (Hudson, 1999, p.15).

Os fatores políticos surgem assim, negativamente, associadas à forma como os governantes exercem o poder, havendo a percepção de que o sistema político é corrupto e inepto, motivando os indivíduos para a radicalização e o extremismo violento, e.g., os extremistas islâmicos culpam os seus governos pela subjugação aos inimigos do Islão, i.e., o Ocidente, cristão, judeus, o comunismo e o capitalismo (Nasser-Eddine et al., 2011, p.25).

(2) Fatores culturais e religiosos

As diferenças culturais são fatores de motivação para os indivíduos de diferentes organizações terroristas, estando a religião quase sempre presente, veja-se o caso dos tigres TAMIL, entre Hindus e Budistas, o IRA, entre católicos e protestantes e o terrorismo Islâmico, entre muçulmanos, judeus e cristãos. Contudo, o terrorismo Islâmico toma um



lugar de destaque para o Ocidente pela forma como têm afetado a sociedade e os interesses ocidentais em todo o mundo.

Assim, temos que ter presentes as diferenças culturais e religiosas como referem Kristen Renwick Monroe e Lina Haddad Kreidie (1997 cit. por Hudson, 1999, p.41) “todos nós temos uma visão do mundo, uma visão de nós mesmos, uma visão dos outros, e uma visão de nós em relação aos outros”⁴⁸. Estas diferentes maneiras de perceber a realidade verificam-se quando falamos da forma como os indivíduos fundamentalistas e os não fundamentalistas percebem as coisas, e.g., o Ocidente tem tendência a julgar a atuação dos fundamentalistas islâmicos, de acordo com o racional de valores ocidentais e pelo modelo racional de custo/benefício ocidental.

Este desequilíbrio tem servido de argumento aos fundamentalistas islâmicos como refere Tom Harris (2007, p.33) “O ódio é, claro está, uma emoção eminentemente humana e obviamente sentida por muitos extremistas islâmicos. A fé, no entanto, continua a ser a mãe do ódio, como aliás sempre aconteceu quando as pessoas definem as suas identidades morais a partir de critérios religiosos”. Podemos assim entender que independentemente dos sentimentos de revolta para com o Ocidente que os muçulmanos nutrem pelos ocidentais, resultantes de vários fatores ao longo da história do século XX, nomeadamente a acusação da fragmentação da *umma*⁴⁹, da condução do conflito Israel palestino, a religião tem sido usada como móbil para engrossar as fileiras do terrorismo.

(3) Fatores socioeconómicos

A relação que se estabelece entre o terrorismo e pobreza é algo que vem ocorrendo ao longo dos últimos anos designadamente, após o 11 de Setembro em que numerosos dirigentes políticos, incluindo George Bush e muitos líderes europeus, estabeleceram uma relação direta entre os dois fenómenos (Tomé, 2004, p.190). Também na conferência sobre o financiamento do desenvolvimento realizada no ano seguinte, em Monterrey⁵⁰, efetuada sob os auspícios da ONU, foi declarado pelos participantes que a luta contra a pobreza

⁴⁸Tradução livre.

⁴⁹Comunidade muçulmana em todo o mundo.

⁵⁰Realizada em Monterrey, no México, entre 18 e 22 de março de 2002, foi a primeira Cimeira da ONU sobre o tema “financiamento para o desenvolvimento” tendo participado, 50 Chefes de Estado, 200 Ministros das Finanças, Negócios Estrangeiros, Desenvolvimento e Comércio representantes das Nações Unidas, Banco Mundial, Fundo Monetário Internacional e Organização Mundial do Comércio e figuras de relevo do sector privado e sociedade civil, tendo resultado desta conferência o documento “Consenso de Monterrey”. Em 2008, foi realizada uma Conferência Internacional de Acompanhamento e revisão da Implementação do “Consenso de Monterrey”, em Doha no Catar. Está agendada a uma próxima conferência de acompanhamento para 2013.



estava intimamente ligada à luta contra o terrorismo (Tomé, 2004). No entanto, na conferência de 2008, em Doha, considera-se que “o espectro do terrorismo continua a assombrar-nos e está em ascensão. Este facto tem sérias implicações para o desenvolvimento económico e a coesão social, além da miséria humana horrível que provoca. Tomamos a decisão de agir em conjunto, mais forte do que nunca, para enfrentar o terrorismo em todas as formas e manifestações”⁵¹ (United Nations, 2008). Constatamos que, nesta segunda conferência, existe uma abordagem diferente da verificada na primeira conferência. Enquanto na primeira, a pobreza e o subdesenvolvimento aparecem como causa ou motivação para o terrorismo, na última, o terrorismo é apontado como fator limitador do desenvolvimento económico e coesão social, não sendo referido que estas condições fomentem o terrorismo.

Deste modo, podemos verificar que a perceção da interdependência entre terrorismo e pobreza está longe de ser consensual.

No relatório *Terrorism & Development* Kim Craig e Peter Chalk (2003), consideram que as organizações terroristas atraem novos militantes na comunidade através de incentivos financeiros para os recrutados e para as famílias, pelo que o terrorismo é visto como uma forma de resolver e lutar contra os problemas. Desta forma, a promoção do desenvolvimento social e económico poderia ajudar a reduzir os potenciais recrutados na comunidade que passariam a ter alternativas ao terrorismo.

A este propósito, seguindo esta linha de ação, nas Filipinas e Reino Unido, foram implementadas iniciativas de desenvolvimento social e económico, integradas nos processos de paz destes países.

Estas políticas tiveram efeitos distintos, e.g., na Irlanda do Norte originaram uma nova classe média que beneficiou diretamente de programas de desenvolvimento e nos quais foi chamada a participar na sua conceção, criando um estrato social que fez a mediação entre grupos protestantes e os simpatizantes do IRA, levando à redução da violência (Cragin & Chalk, 2003, pp.33-36).

Em contrapartida, nas Filipinas, a ajuda económica, de apenas seis dólares por pessoa, por ano, durante um período de cinco anos, revelou-se claramente insuficiente. Refira-se ainda que a maior parte do dinheiro foi canalizado para áreas populosas cristãs, tendo contribuído para acentuar as diferenças de riqueza já existentes entre as comunidades

⁵¹Tradução livre.



cristã e muçulmana, produzindo um efeito potenciador do apoio a terroristas e grupos extremistas locais. Estas medidas não estavam devidamente dimensionadas quanto às necessidades das populações e à área geográfica das regiões-alvo, potenciando assim o fracasso da maioria das políticas de desenvolvimento instituídas em Mindanau para inibir o apoio ao terrorismo (Cragin & Chalk, 2003, pp.33-36).

Também em Israel existem sérias dúvidas quanto às políticas de desenvolvimento económico e social deste Estado nos territórios ocupados, em que a comunidade palestiniana viu a execução de vários projetos de desenvolvimento social e económico de impacto duvidoso, especialmente dada a corrupção percecionada, a má conceção dos projetos de financiamento sem o envolvimento dos palestinianos e os efeitos negativos das políticas Israelitas resultantes das limitações de circulação, sobre a economia palestiniana.

Pela análise destes exemplos, podemos constatar que o fator mais importante não será o montante investido nos programas de desenvolvimento, mas sim a sua correta aplicação. Para tal, as políticas de desenvolvimento devem ser formuladas com a participação dos representantes da comunidade, tendo presente a racionalidade na sua aplicação, devendo ser adequadas às necessidades das comunidades visadas, para que estas não venham a criar expectativas erróneas que conduzam a ressentimento e a um apoio renovado à violência.

No estudo de Cragin e Chalk, os membros das comunidades consideravam a atividade terrorista como uma resposta viável à perceção existente nas comunidades das injustiças⁵² políticas, económicas e sociais. Assim, os autores consideram que o desenvolvimento de políticas económicas e sociais, quando devidamente implementado, pode inibir o apoio ao terrorismo, não eliminá-lo, sendo estas mais eficazes quando incorporadas numa abordagem múltipla que inclui o quadro político, militar e social. (Cragin & Chalk, 2003, p.35).

Assim, a pobreza não é a causa do terrorismo, mas contribui para ampliar ressentimentos existentes e facilitar o desenvolvimento deste fenómeno. Como afirma Luís Tomé, (2004, p.192) podemos considerar que “a pobreza alimenta o terrorismo e é instrumentalizada por ele”, ou seja, os ressentimentos e os ódios são exacerbados contra os responsáveis pelas situações de desigualdade, levando os indivíduos a decisões extremas de levar a cabo atentados terroristas. Estes sentimentos são radicalizados ao ponto de levar

⁵²Conforme referido nas teorias da privação relativa e do movimento social.



os indivíduos a tornarem-se mártires, já que o martírio se apresenta como solução que deixa orgulhosos a comunidade e os familiares. No que respeita ao martírio, não podemos excluir como fator de motivação os apoios dados aos familiares dos mártires pelo Hezbollah, Hamas, Jihad Islâmica, entre outros grupos terroristas⁵³, apesar de outros aspetos estarem presentes, como o radicalismo religioso.

Deste modo, podemos considerar que a "guerra contra a pobreza" apenas tem um impacto limitado contra o terrorismo, porque existem outras motivações pelas quais as pessoas cometem atentados terroristas (Vertigans, 2008, p.7).

Além do mencionado, como refere Tomé (2004, p.191), de acordo com um estudo realizado pela Universidade de Princeton em 2002, sobre terrorismo no Médio Oriente, os terroristas nesta região têm normalmente um nível de vida superior ao da pobreza e uma formação mínima ao nível do ensino secundário, tal facto não significa que não existam operacionais de origem pobre.

Assim, o terrorismo é um fenómeno multicausal, e seria simplista e errado atribuir-lhe apenas uma causa para explicar as suas motivações e a dos que o praticam. Segundo Paul Wilkinson (1977 cit. por Hudson, 1999, p.15) as causas da revolução e da violência política no geral, são também as causas do terrorismo. Estas incluem conflitos étnicos, religiosos, conflitos ideológicos, a pobreza, tensões de modernização, as desigualdades políticas, a falta de canais pacíficos de comunicação, as tradições de violência, a existência de grupos revolucionários, fraqueza e incompetência governamental, erosões da confiança num regime, e as profundas divisões entre elites governantes e lideranças de grupos. No entanto, verificamos que as situações de frustração provocadas pela privação, resultante dos baixos níveis socioeconómicos das populações, são um aspeto importante na adesão ao terrorismo, sendo este visto pelos indivíduos como solução viável para resolver os seus problemas.

⁵³Também quanto à motivação dos suicidas existem estudos com conclusões diferentes.



3. A *Al-Qaeda*

O esforço de guerra contra a União Soviética no Afeganistão foi apoiado desde 1984, por Abdullah al-Azzam e Osama Bin Laden, vindo estes a fundar, em 1988, a *Al-Qaeda*, criando uma estrutura dispersa em rede pelo mundo árabe, Europa e EUA, com o objetivo de recrutar *mujahedin*⁵⁴ e sustentação financeira para o combate aos soviéticos.

Com o fim da Guerra, milhares de *mujahedin* regressaram aos seus países ou dispersaram-se pela diáspora muçulmana, transportando consigo os ensinamentos militares de uma guerra dura e prolongada e a ideologia de uma “*jihad* global” contra os governantes dos Estados árabes considerados apóstatas por incumprimento da lei islâmica, bem como contra os Estados ocidentais que os apoiam, em particular, os EUA (Montenegro, 2006).

Esta organização tem vindo a usar o terrorismo como contra poder, anunciando um objetivo político específico: “recuperar a honra dos muçulmanos através da restauração do Califado abolido por Mutsafa Kemal Atatuk, na Turquia, em 1923.” (Silva, 2011, p.129)

A estrutura desta organização divide-se em três grupos, a saber: os dirigentes radicados no Afeganistão e fronteira do Paquistão; os combatentes, que são um grupo constituído por combatentes veteranos treinados no Afeganistão e que têm como missão treinar e formar novos recrutas que se pretendam juntar à organização e os militantes que são um grupo mais recente, constituído por radicais de diferentes idades, raça, e estrato social que formam células locais independentes dos líderes, mas que partilham os seus objetivos (Gómez, 2010).

As motivações deste tipo de terrorismo são múltiplas, baseadas essencialmente no ódio ao Ocidente e no sentimento de rejeição e humilhação provocado pelos ocidentais aos muçulmanos no decorrer da história, agravado pela crise dos modelos seculares que falharam nos países islâmicos. Assim, o sentimento de repulsa alimenta o desejo de recorrer à violência e ao terror, como forma de recuperar a dignidade e substituir os regimes muçulmanos moderados pelo Califado, através de uma revolução islâmica (Tomé, 2004, p.178).

Estas motivações podem, parcialmente, ser explicadas pela teoria do movimento social, abordada no segundo capítulo, em que de acordo com esta, o estado de frustração conduz os indivíduos a atos de violência. Contudo, alguns dos seus membros são oriundos

⁵⁴Combatente da *Jihad*.



de estratos sociais elevados, com formação académica que não foram sujeitos a situações de privação extrema, escapando assim ao âmbito desta teoria. Estes poderão ser enquadrados na teoria estrutural, que advoga que o terrorista é um fanático, com uma formação superior e que procura uma recompensa de natureza ideológica, que neste caso seria de base religiosa, no entanto, esta teoria tem a sua base na escolha racional, em que se pondera o custo benefício dos atos a praticar, o que, aos olhos dos princípios ocidentais, não acontece no terrorismo da *Al-Qaeda*.

Quanto à sua ideologia, esta assenta numa interpretação errónea do Islão, rejeitando a modernidade e a tecnologia, que utiliza apenas como ferramenta para atingir os fins, usando a violência com fins políticos que passa pela implementação do califado, o derrube dos regimes islâmicos tidos por apóstatas e a retirada da presença, influência e apoio do Ocidente a esses regimes, considerando-se também como legítimo representante da comunidade islâmica que pretende unificar (Tomé, 2004, pp.154 - 163).

Segundo Colin Gray (2007, pp.259 - 261), a *Al-Qaeda* representa um sério problema, na medida em que é uma organização muito difícil de influenciar culturalmente, já que se baseia na aplicação integrista da *Sunna* e do Alcorão e tem experiência na condução da guerra irregular que os seus líderes e alguns operacionais adquiriram durante a guerra do Afeganistão contra a União soviética, nos finais dos anos 80. Por um lado, esta experiência deu-lhe prestígio que lhe advém de uma tradição de vitória cultivada ao longo da sua história. Por outro, o seu permanente processo de adaptação, no que respeita à sua organização e métodos, levou-a a um formato de organização difusa, pelo que podemos questionar-nos se, atualmente, é verdadeiramente uma organização ou uma fonte de inspiração e ideologia para diferentes grupos.

No entanto, seja qual for a forma que tome, tem como objetivo punir, infligir dor e causar destruição, acreditando que os seus atos são sancionados pela vontade de Deus, incentivando o emprego dos ataques suicidas como uma tática, assente no princípio de que através do sacrifício, por uma causa justa, os indivíduos receberão a recompensa divina de Alá, o que torna a tarefa do seu combate extraordinariamente difícil, acabando com a dificuldade que um terrorista sentia em escapar com segurança depois do ataque (Gray, 2007, pp.259 - 261).

Além das dificuldades apresentadas por Colin Gray, consideramos ainda que esta organização apresenta outras características que a tornam de difícil combate, identificadas por Luís Tomé (Tomé, 2004, pp.183 - 186) nomeadamente, no que respeita ao fracasso da



dissuasão através de forças convencionais pois, como referimos anteriormente, os seus elementos não pensam segundo uma lógica de custo / benefício que se enquadre nos padrões ocidentais. Os Estados deparam-se assim perante uma luta assimétrica, com custos muito mais elevados para as vítimas do que para os seus perpetradores, sejam económicos sociais ou vidas humanas.

Esta organização tira ainda partido dos fatores resultantes de pré-condições permissivas, referidas no capítulo anterior, como a tecnologia, a globalização, o acesso a comunicações, a mobilidade fácil e o financiamento conseguido através da interação de Estados, organizações não-governamentais, empresas e indivíduos. Recorre também a recursos obtidos de forma legal ou à margem da lei, designadamente, a doações, lavagem de capitais oriundos do tráfico de armas, de seres humanos e narcotráfico. Este financiamento é facilitado quer pela movimentação de fundos nos sistemas financeiros mundiais quer através de formas informais como *hawala*⁵⁵, ou “correios”, sendo estes dois últimos, métodos correntes utilizados no Médio Oriente, no subcontinente indiano, no sudeste da Ásia e África (Gómez, 2010).

A utilização de comunidades muçulmanas, que vivem em estados democráticos facilita a infiltração de terroristas e do desenvolvimento de capacidades técnicas e conhecimentos, que lhes permitem levar a cabo atentados mais complexos, e.g., o 11 de Setembro. Do mesmo modo, é utilizada a rede de mesquitas e *madrassas* espalhadas pelo mundo e a utilização de comunidades de emigrantes desenraizados, que vivem em situações de miséria, desespero e marginalização, o que fomenta a predisposição para aderir a causas fundamentalistas, ao suicídio e à vingança (Tomé, 2004, pp.183 - 186).

a. Os ataques da *Al-Qaeda*

De acordo com o *United States Department of State* (2011), a *Al-Qaeda* persiste em a ser uma ameaça terrorista eminente, não obstante, duramente o ano 2010, ter enfraquecido no Paquistão e, no Iraque, não ter conseguido, através das suas ações violentas, impedir a realização de eleições, em que os sunitas⁵⁶ participaram, verificando-se uma redução de apoiantes da organização terrorista.

⁵⁵Transferência em árabe - é um sistema informal de transferência de dinheiro de um local para outro, sem proceder ao seu movimento físico. Este sistema não deixa rasto das transações.

⁵⁶Representam 32% a 37% da população iraquiana, e são a maioria no mundo árabe, correspondendo a cerca de 85% dos muçulmanos no mundo (Silva, 2011, p.23).



Todavia, a *Al-Qaeda* manteve a capacidade de cooperação entre as bases de militantes existentes no Afeganistão e incrementou a cooperação com outros grupos terroristas através da partilha de recursos, nomeadamente, com o *Lashkar-eTayyiba*⁵⁷ o *Tehrik-e Taliban Pakistan*⁵⁸ e o *Haqqani*⁵⁹. Este facto revela que a organização se tem adaptado à luta contraterrorista na região, designadamente, diversificando a rede, o que lhe permite manter a sua atividade transnacional e prosseguir a capacidade de conduzir ataques a nível regional e global, ainda que em menor escala.

A prova desta capacidade foram algumas tentativas de ataques levadas a cabo por células da *Al-Qaeda* durante o ano 2010, identificadas no relatório do *United States Department of State* (2011) relativo a esse ano, e.g., em outubro, tentou fazer explodir vários aviões em Detroit, através bombas introduzidas na carga dos aviões. Os níveis de alerta em vários países europeus aumentaram devido a informações de que diversas células poderiam efetuar potenciais ataques terroristas, subsequentemente, aumentando o efeito aterrador nas populações, na África Oriental o *al-Shabaab*⁶⁰, com o apoio da *Al-Qaeda*, realizou um duplo atentado suicida que matou 76 pessoas em Kampala⁶¹, no Magreb a *Al-Qaeda* tem realizado raptos de estrangeiros exigindo o pagamento de resgates como forma de financiamento das suas atividades, ainda que não represente uma ameaça direta para os governos da região.

Para analisar os dados dos ataques da *Al-Qaeda*, entre 2004 e 2010, iremos seguidamente recorrer à base de dados GTD, do *National Consortium for the Study of Terrorism and Responses to Terrorism*⁶² (START), que disponibiliza dados sobre incidentes de terrorismo de diversa natureza, recolhidos entre 1970 e 2010. A informação é de livre acesso ao público e compilada a partir de jornais, livros, arquivos eletrónicos,

⁵⁷“Exército dos Justos” ou “dos Puros” é um das maiores organizações terroristas da Ásia Meridional. Possui diversos campos de treino no Paquistão, com conexões globais e uma forte rede operacional em todo o Sul da Ásia.

⁵⁸Organização terrorista paquistanesa originária das tribos situadas junto à fronteira com o Afeganistão e que atua contra o Governo do Paquistão. Recentemente tem diversificado a sua atuação atacando alvos americanos, como foi o caso no apoio dado à tentativa de atentado em *Times Square*, em Maio de 2010, quando Faisal Shahzad, tentou detonar um carro-bomba.

⁵⁹Grupo terrorista do Afeganistão.

⁶⁰Grupo terrorista fundamentalista islâmico da Somália.

⁶¹No Uganda.

⁶²O START é um centro de excelência do *US Department of homeland security* sediado na universidade de Maryland em Baltimore, EUA.



documentos oficiais, etc. Esta base de dados disponibiliza uma grande variedade de informação relativa a cada incidente terrorista⁶³ (Global Terrorism Database, 2011).

Assim, consideraremos, para efeito desta investigação, como sendo ataques da *Al-Qaeda*, incidentes registados na GTD, perpetrados pela *Al-Qaeda* e pelas organizações, que designaremos de associadas, referidas no *Country Reports on Terrorism 2010* (United States Department of State, 2011): *Al-Qaeda* Iraque; *Al-Qaeda* da Península Arábica (*AQAP*); *Al-Qaeda* do Magrebe (*AQLIM*); *Al-Shabaab*; *Lashkar-e-Taiba (LeT)*; *Tehrik-i-Taliban Pakistan (TTP)*; *Al-Qaeda Network for Southwestern Khulna Division*, no Bangladesh; *Al-Qaeda Líbano*; *Al-Qaeda Organization for Jihad* na Suécia; *Al-Qaeda* Iémen.

Deste modo, constatamos que, no período entre 2004 e 2010, ocorreram 779 incidentes levados a cabo em 24 países, sendo que em 8⁶⁴ ocorreram dez ou mais ataques que totalizaram 731, que corresponderam a 94% do total e que, na generalidade, o número de vítimas é superior à frequência dos ataques, como podemos verificar no gráfico 5 e no anexo E - Dados dos ataques da *Al-Qaeda* e associadas, entre 2004 e 2010.

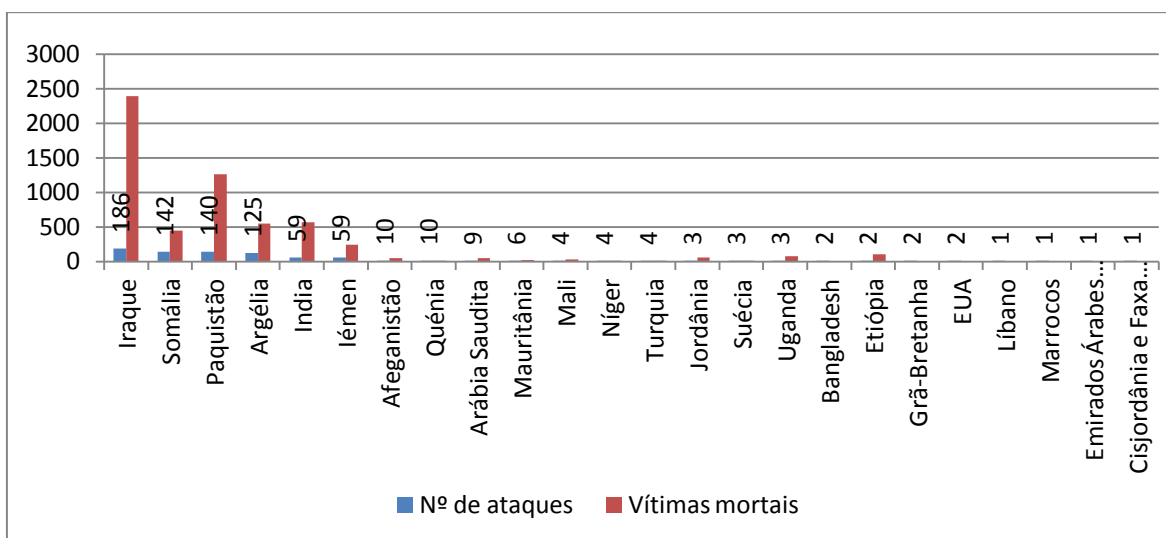


Gráfico 5 - Ataques terroristas da *Al-Qaeda* e organizações associadas entre 2004 e 2010

⁶³Os dados são recolhidos considerando sempre que possível quinze aspetos: a data; a região; o país; a cidade; o nome do grupo terrorista; a tática usada no ataque; a natureza do alvo; a identidade, corporação, e nacionalidade do alvo; o tipo de armas utilizadas; se o incidente foi considerado um sucesso; se existiu um pedido de responsabilização; os danos provocados; os danos provocados aos EUA; o número total de vítimas mortais; o número total de feridos, sequestros e reféns.

⁶⁴À exceção do Quênia os restantes países, Iraque, Somália, Paquistão, Argélia, India, Iémen, Afeganistão, constam na lista dos 29 Estados onde ocorreram mais ataques terroristas globalmente, no mesmo período.



Em 2010⁶⁵, a *Al-Qaeda* e os grupos referidos anteriormente levaram a cabo 217 atentados ultrapassando a média dos últimos 7 anos, sendo a média de vítimas mortais de 5,5 por ataque, superior às vítimas mortais do terrorismo em geral analisado no primeiro capítulo.

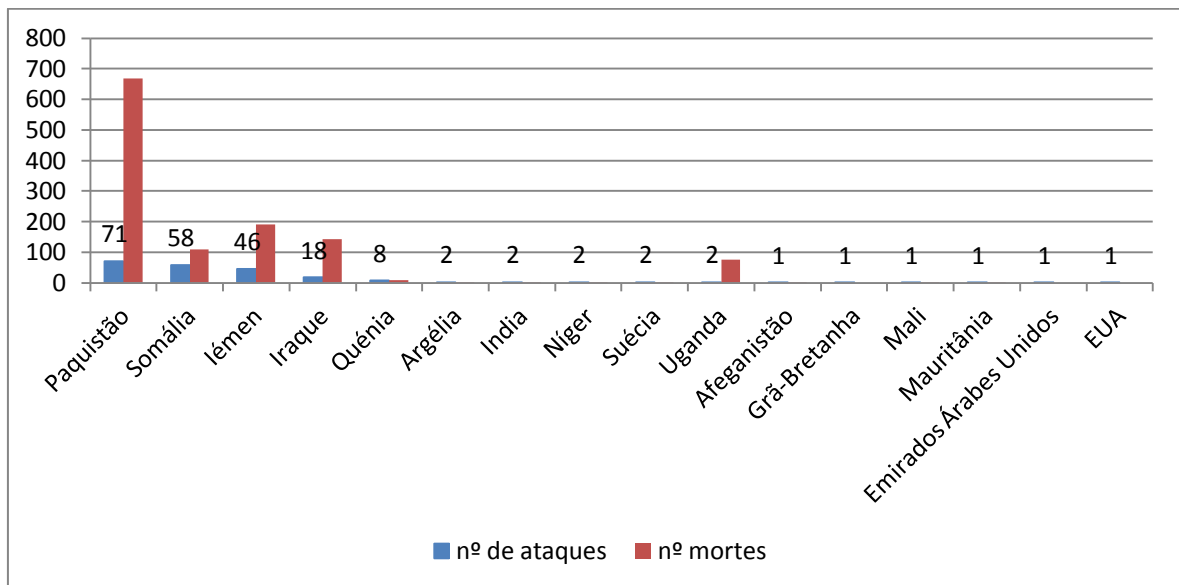


Gráfico 6 - Ataques terroristas da *Al-Qaeda* e organizações associadas em 2010

Verificamos também que a média dos sete anos, de 7,5 vítimas mortais por atentado, é muito superior à média de mortes por ataque do terrorismo em geral⁶⁶, que foi no mesmo período, de 1,4. A diferença de mortalidade⁶⁷ destes ataques poderá ser explicada por três razões: primeiro, que a formação dos terroristas da *Al-Qaeda* permitem-lhes uma eficácia superior; segundo, a própria filosofia de infligir o maior número de mortes possível; e terceiro, a metamorfose constante da organização que a leva a espalhar a sua ideologia, o que leva a que outras organizações atuem em cooperação com a *Al-Qaeda*.

Segundo o relatório *Country Reports on Terrorism 2010* (United States Department of State, 2011), a *Al-Qaeda* diminuiu a sua atividade em 2010, mas se considerarmos também os ataques que levou a cabo com organizações com quem coopera e partilha meios, constatamos que, em 2010, houve mais ataques que nos anos anteriores.

⁶⁵Não existem dados disponíveis na GTD relativos a 2011.

⁶⁶Analisado no primeiro capítulo.

⁶⁷Refira-se também que os dados são recolhidos de bases de dados diferentes podendo fazer variar a estas médias.

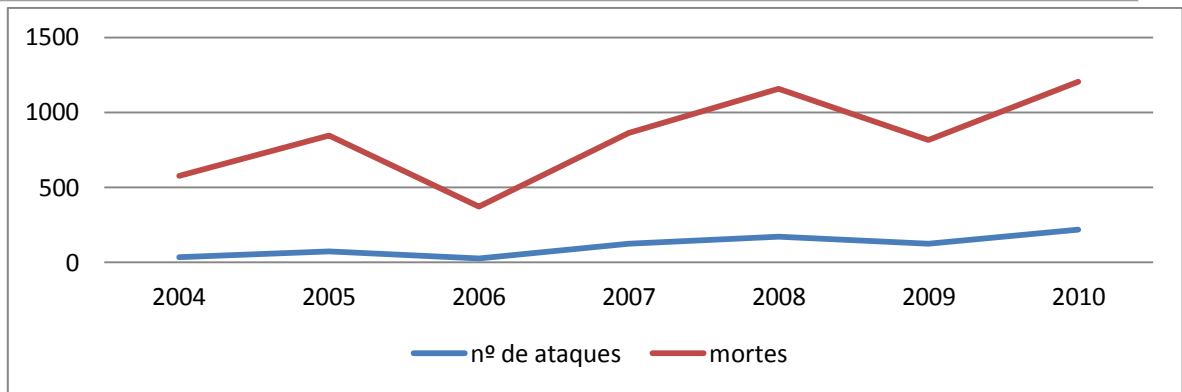


Gráfico 7 - Evolução de ataques e mortes provocados pela *Al-Qaeda* e organizações associadas, entre 2004 e 2010

Ainda no mesmo relatório é referida uma diminuição da atividade no Afeganistão e no Iraque, o que não aconteceu a nível global. Como verificamos nos dados representados no gráfico 7, em 2010, verifica-se um aumento de atentados e de mortes, atestando o sucesso do processo de adaptação que a organização está a sofrer, ao associar-se a outras, como refere o supra mencionado relatório.

Cruzando agora o nível de governança dos países onde ocorreram ataques, verificamos no gráfico 8 que apenas quatro Estados, a Suécia, o Reino Unido, os EUA e os Emirados Árabes Unidos têm níveis de governança acima de média mundial e, se no limitarmos aos oito países, Iraque, Somália, Paquistão, Argélia, Índia, Iémen, Afeganistão e Quênia, que representam 94% dos ataques, todos eles têm níveis abaixo dos 20 pontos no indicador “estabilidade política e violência”, estando os restantes abaixo da média mundial, exceto a Índia que, no indicador “Estado de direito”, está ligeiramente acima, com 54 pontos.

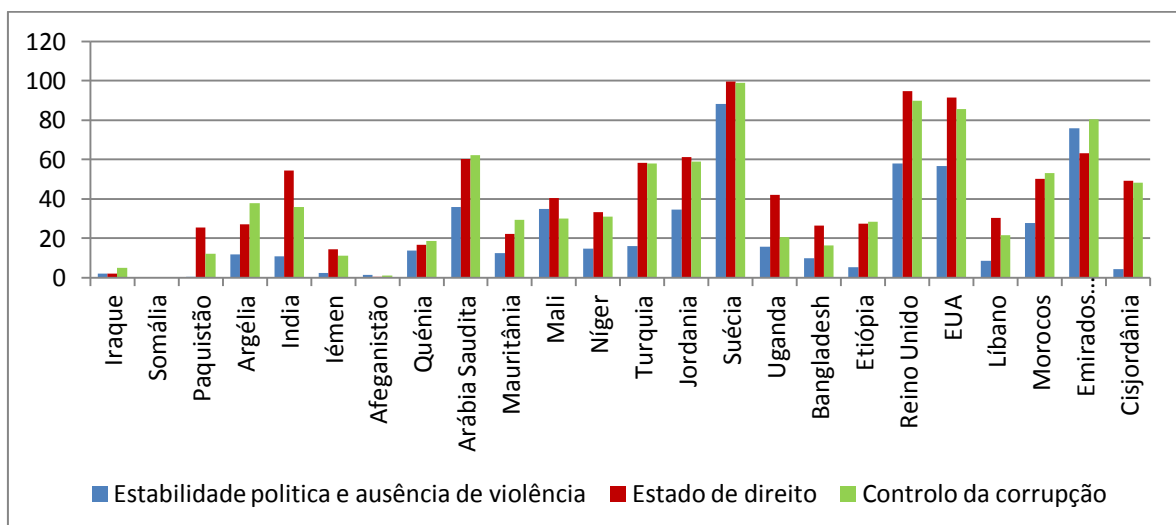


Gráfico 8 – Nível de governança em 2010 nos Estados alvo de ataques da *Al-Qaeda* no período 2004 - 2010



Assim, podemos constatar que se consideramos os ataques da *Al-Qaeda* em conjunto com as organizações que com ela cooperam, os ataques do TNT não têm seguido a tendência de diminuição do terrorismo em geral e acontecem preponderantemente em estados com baixo nível de governança.

b. A morte de Bin Laden

Osama Bin Laden é o símbolo do terrorismo islamita, pelo que, no momento da sua morte, representaria um ícone espiritual da *Al-Qaeda*, mais do que propriamente um líder ativo na organização. A *Al-Qaeda* tem sofrido uma metamorfose constante, desde a sua criação no Afeganistão, passando pela organização terrorista mais temida no Ocidente, devido aos milhares de mortes e dezenas de atentados que levou a cabo, até aos dias de hoje, em que praticamente se transformou numa ideologia disseminada a nível global (Tomé, 2012, pp.100 - 101).

A morte do símbolo desta ideologia ocorrida a 2 de maio de 2011, na sequência de uma operação levada a cabo por um grupo de operações especiais dos EUA, em território paquistanês, deixa-nos perante a incerteza da reação dos seguidores de Bin Laden, podendo, segundo Luís Tomé (2012), ocorrer duas tendências: a primeira, que consistirá no reforço das células a nível global, enquanto *franchisings* da ideologia, sem uma ligação ao núcleo de dirigentes, na continuidade do que vinha acontecendo; ou a segunda, que consistirá na afirmação dos núcleos regionais, seja resultante da organização central ou do reforço dos já existentes utilizadores da “marca” *Al-Qaeda*, e.g., a *Al-Qaeda* Iraque, a *Al-Qaeda* do Magrebe Islâmico na Argélia, o *Al Shabab* e o *Hisbul Islam* na Somália, o Emirato do Cáucaso, o *Tehrik-e-Taliban Pakistan* e o *Lashkar-e-Taiba* no Paquistão e a *Al-Qaeda* na Península Arábica, baseada no sul do Iémen. Releva-se o facto destas organizações terem a sua base de atuação em Estados com baixo nível de governança, ainda que tenham tentado e consumado ataques, desde o médio oriente ao Cáucaso, Ásia central e EUA.

A morte de Bin Laden poderá não trazer grandes consequências e a rede estar enfraquecida, a ponto de ser incapaz de reagir à morte do seu ícone, produto do esforço das forças de segurança e da vigilância internacional. Tudo indica que assim será, atendendo a que as ameaças de finais de abril de 2011⁶⁸ de levar a cabo um ataque nuclear, caso Bin Laden fosse capturado, não se concretizaram. Contudo, devemos ter em conta que

⁶⁸Segundo revelações da Wikileaks.



documentos importantes foram apreendidos aquando da sua morte e que poderão ter sido importantes para evitar potenciais atentados no imediato. Devemos ainda estar atentos à liderança de Ayman Al-Zawahiri, conhecido pelo seu radicalismo extremo e que tentará certamente uma vingança contra o Ocidente (Tomé, 2012, pp.100 - 101).



Conclusões

Por fim, apresentamos as conclusões da nossa investigação, baseada na metodologia preconizada por Raymond Quivy e Luc Van Campenhoudt, começando por recordar a questão de partida, que serviu de orientação para o trabalho e da qual decorreu todo o desenvolvimento dos seus três capítulos:

De que forma o nível de desenvolvimento dos Estados influencia a expansão do terrorismo?

Decorrente do modelo de análise adotado, baseado no método Hipotético-dedutivo, retirámos as deduções em cada um dos capítulos, resultantes da análise das dimensões dos conceitos e dos indicadores, que por sua vez, permitiram responder às questões derivadas e validar as hipóteses levantadas, facultando a resposta à questão central e guiando-nos às presentes conclusões.

Assim, tendo sido imperativa a análise entre o terrorismo e o desenvolvimento, começámos por procurar uma forma de medir este último, recorrendo, para tal, ao nível de governança dos Estados. Nesta área de investigação, o Banco Mundial é pioneiro, dispondo de registos de referência aceites na comunidade internacional e disponibilizados no seu *site* na internet. A escolha da governança para aferir o nível de desenvolvimento foi fundamentada no facto de ser um conceito pragmático, mensurável e considerado essencial ao desenvolvimento dos Estados, cada vez mais valorizado por organizações internacionais, como a União Europeia, a ONU e o FMI.

As maiores ameaças à boa governança vêm da corrupção, da violência e da pobreza, que prejudicam a transparência, a segurança, a participação da população e suas liberdades fundamentais, considerando-se como fatores importantes para o desenvolvimento do terrorismo e que este também influencia. Assim, existe uma relação biunívoca em que a governança traz avanços ao desenvolvimento, dificultando consequentemente, as atividades terroristas, mas em que o terrorismo afeta também a governança. As organizações terroristas veem nos Estados, com baixo nível de governança, um terreno fértil para o desenvolvimento das suas atividades, devido à insegurança existente, proporcionando o desenvolvimento do terrorismo e atividades criminosas conexas, face à falta de controlo das instituições pelo Estado e aos elevados níveis de corrupção, propícios ao financiamento da atividade terrorista.

A evolução deste fenómeno perde-se na origem da história, mas é com a revolução francesa, com o “terrorismo de Estado”, que o termo se torna conhecido, evoluindo desde



essa data como resposta às alterações do próprio SI. Contudo, é quando se reveste de uma natureza assimétrica e é utilizado por entidades com “menos poder”, como os movimentos separatistas dos anos 60 e 70, que ganha um caráter internacional e transnacional, onde se torna uma das principais prioridades, para a segurança internacional. Assim, o seu combate ganha uma prioridade sem precedentes sendo necessário compreender este fenómeno para enveredar por uma luta eficaz. Deste modo, analisámos a sua relação com o nível de governança dos Estados e a forma como esta pode estar associado às motivações dos indivíduos.

Para verificar a dinâmica da governança com o terrorismo, no segundo capítulo, foi analisada informação recolhida da base de dados WITS, do NCTC, referente ao período de 2004 a 2010, tendo-se apurado que 97,5% dos atentados no mundo ocorreram em 20% dos Estados analisados, com especial incidência no Iraque⁶⁹, Afeganistão⁷⁰ e o Paquistão⁷¹. No ano 2011, a tendência manteve-se, passando o Afeganistão a liderar o *ranking*, revelando que nos Estados onde decorrem conflitos armados com presença ocidental, o número de ataques aumenta exponencialmente, assim como o número de vítimas mortais.

Quando analisamos o nível de governança dos 29 países onde ocorreram mais atentados entre 2004 e 2010, concluímos que a generalidade destes apresenta o indicador de “Estabilidade política e não-violência” situado abaixo dos 25 pontos, à exceção de quatro países. No que respeita ao controlo da corrupção, apenas cinco dos Estados estão acima da média mundial e relativamente ao indicador Estado de Direito, apenas oito Estados estão acima da média mundial.

Assim, os ataques têm maior expressão em países onde os indicadores do nível de governança são mais baixos, mas também podemos constatar que existem exceções, como é o caso dos EUA e Suécia. Quanto às vítimas mortais estas são muito superiores ao número de ataques em Estados com níveis de governança extremamente baixos, pelo que constatamos existir uma relação do número de vítimas com o nível de governança.

Deste modo, consideramos ter respondido à questão derivada “QD1 - De que forma a governança dos Estados está associada ao número de casos e vítimas mortais do terrorismo?”

⁶⁹Ocorreram mais de 25 000 ataques, cerca de um terço do total.

⁷⁰Ocorreram mais de 9000 ataques.

⁷¹Ocorreram quase 7000 ataques.



Equacionámos as hipóteses, “H1.1 Estados com nível de governança inferior têm mais propensão para serem alvos do terrorismo” e “H1.2 Um maior número de ataques terroristas tem correspondência a um maior número de vítimas mortais, em Estados com baixo nível de governança”, que face ao nosso estudo e conclusões, consideramos agora validadas.

No campo das motivações dos membros das organizações terroristas, abordado no segundo capítulo, percebemos que estas são distintas das motivações do terrorismo, sendo que neste estudo, abordámos as primeiras por consideramos que, atuando sobre estas, será uma forma de enfraquecer o terrorismo, retirando-lhe apoiantes.

Começámos por analisar algumas das teorias existentes sobre esta matéria, como a teoria da escolha racional em que o indivíduo pondera o custo benefício dos seus atos; a teoria estrutural ou social que assenta na convicção de que grupos políticos violentos escolhem a violência como método e que o grupo tem valores partilhados por todos os seus membros; a teoria da privação relativa baseada no facto de um indivíduo acreditar que está privado de algo quando se compara aos outros, económica, política ou socialmente, gerando a frustração devido a situações de pobreza, desemprego e baixo nível educacional; a teoria dos movimentos sociais que partilha a opinião da teoria da privação relativa em que o catalisador da radicalização é a frustração, que surge de forma gradual, defendendo que o ser humano usa meios agressivos para negociar a frustração; as teorias psicológicas do terrorismo que procuram a compreensão de como os fatores de grupo contribuem para a radicalização e atos de terror focando a pesquisa no funcionamento mental e na personalidade dos indivíduos.

No entanto, consideramos que os traços do terrorista não nascem com o indivíduo, pelo que consideramos que a adesão à causa é facilitada pelo ambiente, composto pela motivação, que, por sua vez, é fomentada pelos fatores situacionais diretos, pelas condições permissivas, que lhe permitirão levar a cabo ataques, que a sociedade global lhe oferece e, por fim, que este tenha habilidades e capacidade que levem a organização terrorista a aceitá-lo como membro.

Deste modo, as motivações assentam em diferenças ideológicas, políticas, culturais e religiosas, que nos levam a ter perceções diferentes das mesmas realidades, como é o caso dos diferentes pontos de vista sobre os símbolos, cultura e lei islâmica, tidos pelo Ocidente e por fundamentalistas islâmicos. Além disso, as questões de natureza socioeconómicas, como a pobreza e o subdesenvolvimento surgem como fator limitador do



desenvolvimento económico e da coesão social. Todos estes fatores contribuem para criar sentimentos de privação e frustração, que se enquadram nas teorias da motivação abordadas especialmente nas da privação relativa e do movimento social. Assim, a frustração, ressentimentos e os ódios exacerbados contra os responsáveis pelas situações de desigualdade podem levar os indivíduos a decisões extremas de violência.

A este propósito, os programas de desenvolvimento serão importantes, se corretamente aplicados, sendo necessário a sua formulação com a participação dos representantes das comunidades, a fim de serem adequados às suas necessidades e para que estas não venham a criar expectativas erróneas que conduzam a ressentimentos.

Atendendo a que o subdesenvolvimento pode fomentar sentimentos extremados que levam ao terrorismo e até, nalguns casos, ser visto como um saída para resolver os problemas económicos, e.g., pelos apoios dados aos familiares dos mártires, apesar de outros aspetos estarem presentes, é importante que os programas de desenvolvimento sejam incorporadas numa abordagem múltipla que inclui o quadro político, militar e social.

Podemos assim concluir da análise aos fatores de motivação, que estes são de natureza multicausal, como conflitos étnicos, religiosos, conflitos ideológicos, a pobreza, tensões resultantes da modernização, as desigualdades políticas, a falta de canais pacíficos de comunicação, as tradições de violência, a existência de grupos revolucionário, a corrupção e a incompetência governamental, a erosão da confiança nos regime, e as profundas divisões entre elites governantes e lideranças de grupos.

Concluimos que existem diferentes motivações que levam os indivíduos a aderir à causa terrorista nomeadamente, a motivação resultante da frustração, que é alimentada pelos fatores culturais, religiosos e socioeconómicos e que facilitam o processo de radicalização, aumentando a predisposição para soluções violentas. Assim, as organizações terroristas surgem como uma possibilidade para ultrapassar a frustração e como caminho para a realização dos indivíduos, tendo o baixo nível socioeconómico, entre outros fatores, um papel importante. Deste modo, consideramos ter respondido à questão derivada “QD2-Quais as motivações dos terroristas e a sua relação com fatores socioeconómicos?”

Equacionámos a seguinte hipótese, “H2 - O baixo nível socioeconómico das populações leva ao aumento de seguidores do terrorismo que veem nestas organizações uma forma de realização”, que agora, face ao nosso estudo e conclusões, consideramos validada.



Depois de analisar a relação do terrorismo com a governança e as motivações dos elementos das redes terroristas, analisámos um “estudo de caso”, no terceiro capítulo, para aferir se essa relação se mantém, tendo escolhido a organização cujos atos, mais terror disseminou na sociedade ocidental, a *Al-Qaeda*. O *United States Department of State* continua a considerar a organização uma ameaça eminente, não obstante as suas ações terem diminuído no Paquistão e no Iraque. Contudo, quando consideramos a sua atividade em conjunto com organizações que atuam partilhando meios e a ideologia, constatámos que a sua atividade transnacional se mantém ativa e com capacidade de conduzir ataques a nível global, conforme comprovaram os ataques levados a cabo e as ameaças de atentados durante o ano 2010 e 2011. Assim, a comunidade internacional está mergulhada na incerteza quanto à capacidade da organização reagir à morte do seu líder, Osama Bin Laden.

No que respeita às motivações dos indivíduos, estas são múltiplas, sendo algumas comuns ao terrorismo em geral, mas apresentam outras que dificultam a luta neste campo. Estas podem ser de inspiração religiosa, que sanciona todos os atos como vontade de Deus, que inviabilizam a dissuasão através de forças convencionais, deixando apenas como solução a dissuasão pela negação do acesso aos recursos e ao espaço de atuação, que além de mais difícil de concretizar, tem custos mais elevados.

Para analisar os dados dos ataques da *Al-Qaeda* e das suas “associadas” no período em análise nesta investigação, entre 2004 e 2010, recorremos à base de dados do START, a GTD, tendo concluído que, no período de 2004 a 2010, em 8 Estados (Iraque, Somália, Paquistão, Argélia, Índia, Iémen, Afeganistão e Quênia) ocorreram dez ou mais ataques, que corresponderam a 94% do total e, que em 2010, os ataques ultrapassaram a média dos últimos 7 anos.

Verificámos também que a média de vítimas mortais dos últimos sete anos, de 7,5 por atentado, é muito superior à média de mortes por ataque do terrorismo em geral, que foi, no mesmo período, de 1,4. Nos dados representados, a *Al-Qaeda*, em parceria com as suas associadas, aumentou o número de atentados e de mortes, contrariando a tendência do terrorismo em geral, desde 2007.

Quando cruzámos o nível de governança dos países onde ocorreram ataques da *Al-Qaeda*, verificámos que nos oito Estados⁷² onde ocorreram 94% dos ataques, todos têm

⁷²Iraque Somália, Paquistão, Argélia, Índia, Iémen Afeganistão, e Quênia



níveis de governança abaixo dos 20 pontos no indicador “estabilidade política e violência”, estando os restantes abaixo da média mundial, exceto a Índia, que no indicador “Estado de direito”.

Assim, não podemos concluir que o terrorismo da *Al-Qaeda* apenas afeta Estados com baixo nível de governança, mas constatámos que, tendencialmente, este predomina onde os indicadores são mais baixos, quer no que respeita à frequência dos ataques, quer ao número de vítimas que provoca, tal como acontece com o terrorismo em geral.

Concluimos existir uma interdependência positiva entre a atividade terrorista da *Al-Qaeda* e o número de vítimas mortais com o baixo nível de governança dos Estados, pelo que consideramos ter respondido à questão derivada “QD3 - Como o nível de governança influencia os ataques e o número de vítimas mortais provocados pela *Al-Qaeda*?”.

Tendo equacionado a seguinte hipótese, “H3 - Estados com nível de governança inferior têm mais propensão para serem alvos da *Al-Qaeda* e terem um maior número de vítimas mortais, decorrentes destes ataques”, face ao nosso estudo e conclusões, consideramos estar agora validada.

Podemos verificar, assim, que as três questões derivadas contribuem para a resposta à questão principal, tendo sido validadas todas as hipóteses, concluindo-se que o subdesenvolvimento dos Estados contribui para a expansão do terrorismo de forma significativa, ainda que não seja o único aspeto a ter em conta.

Consideramos assim ter contribuído para o conhecimento e compreensão da dinâmica do terrorismo com o desenvolvimento dos Estados, verificando que o baixo nível de governança, está associado ao subdesenvolvimento e que tem correspondência com um maior número de ataques e de vítimas mortais. Associado a este facto, por um lado, o baixo nível de governança facilita o desenvolvimento do terrorismo e por outro, este afeta o nível de governança ao criar situações de insegurança, aumento do nível de violência, pondo em causa o Estado de Direito, além de desenvolver atividades conexas como o crime organizado como a lavagem de dinheiro e corrupção, como forma de autofinanciar os seus meios.

Apurámos ainda que as motivações são diversas, mas têm uma ligação forte aos baixos níveis de desenvolvimento, provocando sentimentos de exclusão nas populações, levando-as a procurarem soluções alternativas que, por vezes, passam pelo fundamentalismo religioso, atos violentos e terrorismo. Contudo, temos também que ter



presentes fatores motivacionais de natureza política, religiosa e cultural, que nem sempre são afetados por questões socioeconômicas.

Assim, consideramos importante que a comunidade internacional atue nas dimensões econômica, político-diplomática e militar no combate ao terrorismo, considerando que as medidas de desenvolvimento econômico apenas terão efeitos positivos, quando acompanhadas de uma abordagem múltipla que fomentará a boa governança dos Estados. Portanto, será necessário proporcionar condições de estabilidade política, ausência de violência, segurança, correto funcionamento das instituições do Estado, respeito das regras do funcionamento em sociedade e combate à corrupção para, por um lado, incrementar a governança, dificultando o emergir de atividades terroristas e, por outro, diminuir as motivações dos indivíduos em aderir à causa terrorista. Só deste modo será possível interromper o ciclo vicioso em que o subdesenvolvimento alimenta o terrorismo e o terrorismo propícia o subdesenvolvimento.



Bibliografia

- Comissão Europeia, 2003. *EUR-Lex Acesso ao direito da União Europeia*. [Em linha] disponível em : http://eur-lex.europa.eu/smartapi/cgi/sga_doc?smartapi!celexplus!prod!DocNumber&lg=pt&type_doc=COMfinal&an_doc=2003&nu_doc=615 [consult. 25 Março 2012].
- Cragin, K. & Chalk, P., 2003. *Terrorism & Development*. Santa Monica: RAND.
- Espírito Santo, A.d., 2011. *EDITORIAL - Armas Nucleares: Limitação e Não Proliferação*. [Em linha] Disponível em : <http://www.revistamilitar.pt/modules/articles/article.php?id=577> [Consult. Abril 2012].
- Ferreira, P.A., 2006. *O Novo Terrorismo*. Lisboa: Prefácio.
- FMI, 2011. *International Monetary Fund*. [Em linha] Disponível em : <http://www.imf.org/external/np/exr/facts/gov.htm> [Consult. 29 dezembro 2011].
- Freixo, M.J.V., 2010. *Metodologia Científica Fundamentos Métodos e Técnicas*. 2nd ed. Lisboa: Instituto Piaget.
- Global Terrorism Database, 2011. *Global Terrorism Database*. [Em linha] Disponível em : <http://www.start.umd.edu/gtd/> [Consult. Dezembro 2011].
- Gómez, J.M.d.C., 2010. *A Financial Profile of the Terrorism of Al-Qaeda and its Affiliates*. [Em linha] Disponível em : <http://www.terrorismanalysts.com/pt/index.php/pot/article/view/113/html> [Consult. dezembro 2011].
- Gray, C.S., 2007. *War, Peace and International Relations*. New York: Routledge.
- Harris, S., 2007. *O Fim da Fé - Releição, Terrorismo e o Fim da Razão*. Translated by P.S. Pereira. Lisboa: Edições tinta-da-china.
- Hudson, R.A., 1999. *The Sociology And Psychology Of Terrorism: Who Becomes A Terrorist And Why?* Washington, D.C.: Library of Congress. Disponível em : <http://www.loc.gov/rr/frd/>.
- Kaufmann, D., Kraay, A. & Mastruzzi, M., 2010. [Em linha] The World Bank Disponível em : www.govindicators.org [Consult. Dezembro 2011].
- Ki-moon, B., 2011. *ONUBR*. [Em linha] Disponível em : <http://www.onu.org.br/a-onu-em-acao/a-onu-em-acao/a-onu-e-a-governanca/> [Consult. 29 dezembro 2011].
- Meneses, C., 2012. *Terrorismo vis à vis Desenvolvimento*. Entrevistado por José Cerdeira. Lisboa, 30 de Mar. 2012.



- Miller, E., 2012. *Pedido de esclarecimento*. Global Terrorism Database.
- Montenegro, J.A.M., 2006. *A contenção do Terrorismo Transnacional e a Segurança no Mediterrâneo*. EMD. Lisboa: IESM.
- Moreira, A., 1999. *Teoria das Relações Internacionais*. 3rd ed. Coimbra: Livraria Almedina.
- Nasser-Eddine, M., Garnham, B., Agostino, K. & Caluya, G., 2011. *Countering Violent Extremism (CVE) Literature Review*. [Em linha] Disponível em : <http://dspace.dsto.defence.gov.au/dspace/bitstream/1947/10150/1/DSTO-TR-2522%20PR.pdf> [Consult. Março 2012].
- National Counter Terrorism Center, 2011. *2010 Report On Terrorism*. [Em linha] Washington, DC: Office of the Director of National Intelligence Disponível em : <http://www.nctc.gov/> [Consult. dezembro 2011].
- ONU Economic and Social Council, 2006. *Definition of basic concepts and terminologies in governance*. [Em linha] Disponível em : <http://unpan1.un.org/intradoc/groups/public/documents/un/unpan022332.pdf> [Consult. Março 2012].
- ONU, 2011. *ONU Brasil*. [Em linha] Disponível em : <http://www.onu.org.br/a-onu-em-acao/a-onu-em-acao/a-onu-e-a-governanca/> [Consult. 29 dezembro 2011].
- Quivy, R. & Campenhoudt, L.V., 2005. *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.
- Sen, A., 1998. *Human Development Reports*. [Em linha] Disponível em : <http://hdr.undp.org/en/humandev/> [Consult. 20 Março 2012].
- Silva, T.A.e., 2011. *Islão Fundamentalismo Islâmico das Origens ao Século XXI*. Lisboa: Lidel - Edições Técnicas, Lda.
- Silva, T.A., 2012. *Terrorismo vis à vis Desenvolvimento*. Entrevistado por José Cerdeira. Lisboa, 16 de Fev. 2012.
- Tomé, L.L., 2004. *Novo Recorte Geopolítico Mundial*. EDIUL ed. Lisboa.
- Tomé, L., 2007. Terrorismo em declínio? In *Janus 2007 Portugal no Mundo nº10*. Lisboa: Público e Universidade Autónoma de Lisboa. pp.54-55.
- Tomé, L., 2012. A morte de Bin Laden. In *Janus 2011-2012 nº14*. Lisboa: Publico e Universidade Autónoma de Lisboa. pp.100-01.
- Tomé, L., 2012. *Terrorismo vis à vis Desenvolvimento*. Entrevistado por José Cerdeira. Lisboa, 18 de Mar. 2012.



- United Nations, 2008. *International Conference on Financing for Development - Doha, Qatar, 29 November-2 December 2008*. [Em linha] Disponível em : <http://www.un.org/esa/ffd/doha/documents.htm> [Consult. Dezembro 2011].
- United States Department of State, 2011. *Country Reports on Terrorism 2010*. [Em linha] Disponível em : <http://www.state.gov/j/ct/rls/crt/2010/index.htm> [Consult. 30 Dezembro 2011].
- Vertigans, S., 2008. *Terrorism and Societies*. Hampshire: Ashgate Publishing Limited.
- Worldbank, 2011. *The Worldwide Governance Indicators*. [Em linha] Disponível em : <http://info.worldbank.org/governance/wgi/index.asp> [Consult. 28 dezembro 2011].
- Worldwide Incidents Tracking System, 2012. *Worldwide Incidents Tracking System*. [Em linha] Disponível em : <https://wits.nctc.gov/FederalDiscoverWITS/index.do?N=0> [Consult. abril 2012].

**Anexo A - Indicadores de governança (Worldbank, 2011)**

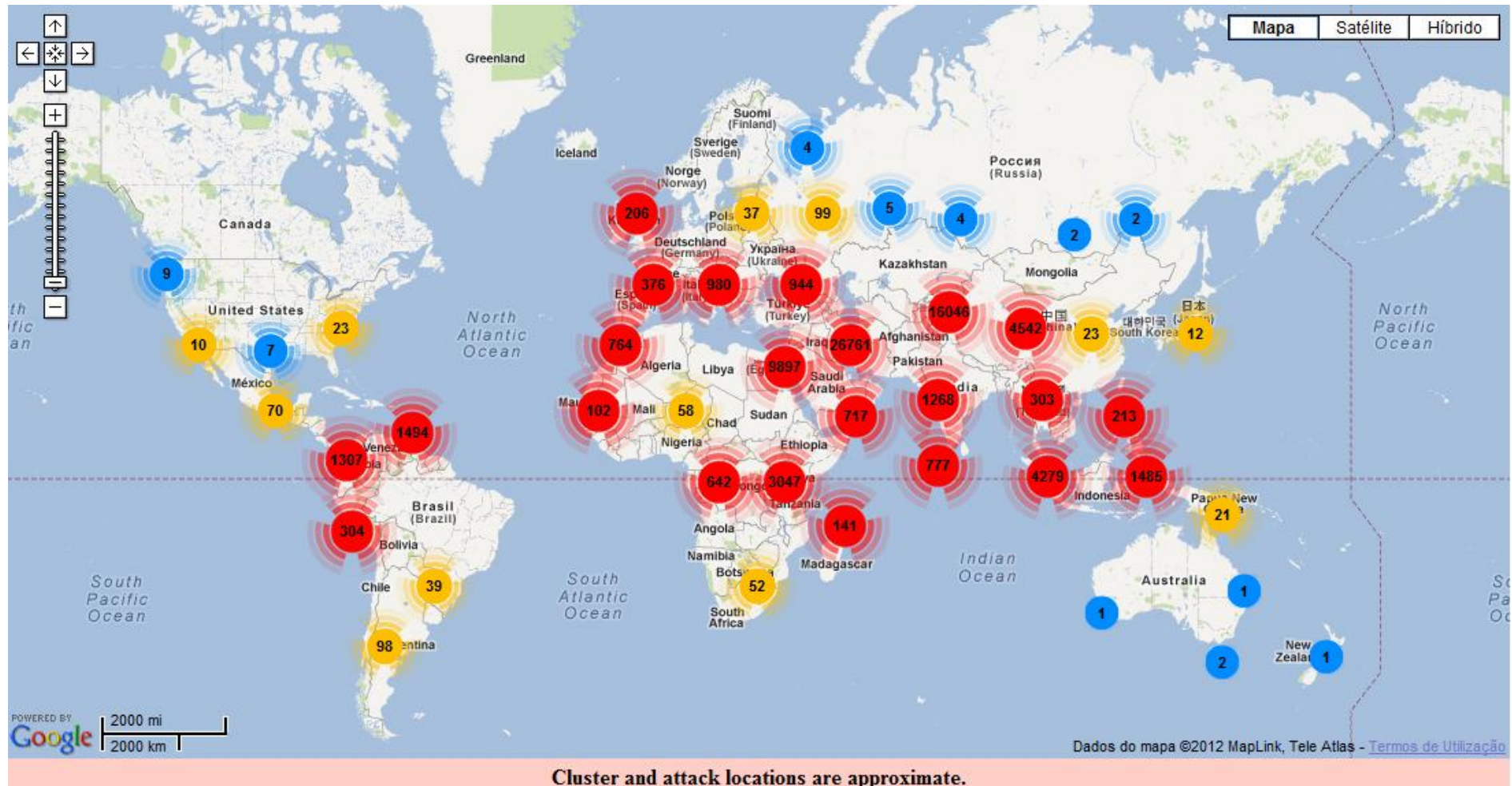
Países	Estabilidade política e ausência de violência	Estado de direito	Controlo da corrupção
Afeganistão	1,4	0,5	1
Arábia Saudita	35.8	60.2	62.2
Argélia	11,8	27	37,8
Bangladesh	9,9	26,5	16,3
Burundi	7,5	10	12,4
Cisjordânia	4,2	49,3	48,3
Colômbia	9	45	43,1
Emirados Árabes Unidos	75.9	63.0	80.4
Espanha	39,2	86,7	80,9
Etiópia	5.2	27.5	28.2
EUA	56.6	91.5	85.6
Filipinas	6,6	34,6	22,5
França	70,8	90,5	89
Grécia	40,1	66,8	55,5
Iémen	2,4	14,2	11
India	10,8	54,5	35,9
Indonésia	18,9	31,3	27,3
Iraque	1,9	1,9	4,8
Israel	9,4	76,3	72,2
Jordania	34.4	61.1	58.9
Líbano	8,5	30,3	21,5
Mali	34.9	40.3	30.1



Países	Estabilidade política e ausência de violência	Estado de direito	Controlo da corrupção
Mauritânia	12.3	22.3	29.2
Morocos	27.8	50.2	53.1
Myanmar	11,3	3,3	0,5
Nepal	5,7	16,1	28,7
Níger	14.6	33.2	31.1
Nigéria	3,8	10,9	15,8
Paquistão	0,5	25,6	12
Quênia	13.7	16.6	18.7
Reino Unido	58	94,8	90
Rep. Dem. Congo	2,8	2,4	2,9
Rússia	18,4	26,1	12,9
Somália	0	0	0
Sri Lanka	21,2	52,6	40,7
Sudão	0,9	6,2	4,3
Suécia	88.2	99.5	99.0
Tailândia	12,7	49,8	46,9
Turquia	16	58,3	57,9
Uganda	15.6	42.2	20.6



Anexo B - Mapa de ataques terroristas entre 2004 e 2010 (Worldwide Incidents Tracking System, 2012)



**Anexo C - Dados dos ataques Mundiais entre 2004 e 2010 (Worldwide Incidents**

Tracking System, 2012)

Tabela 1 - Evolução dos ataques mundiais entre 2004 e 2010		
Ano	Nº de ataques	Vítimas mortais
2004	3250	7473
2005	10874	13889
2006	14364	20453
2007	14415	22720
2008	11663	15709
2009	10968	15311
2010	11641	13193
Total	77175	108748

Tabela - 2 Dados relativos aos 29 estados, onde ocorreram 97,5% dos ataques mundiais, entre 2004 e 2010		
Países	Nº de ataques	Vítimas mortais
Iraque	25489	49467
Afeganistão	9419	12154
Paquistão	6945	9390
India	6027	6898
Tailândia	4204	3065
Nepal	3756	1256
Israel	3409	234
Colômbia	2946	2691
Rússia	2119	2181
Somália	2009	4922
Filipinas	1591	1554
Faixa de Gaza	1215	238
Sri Lanka	734	1472
Cisjordânia	637	91
Grécia	534	9
Congo, DR	520	3420
Turquia	468	305
Argélia	423	790
Nigéria	366	483
Sudão	365	2453
Espanha	340	202
Iémen	317	366
France	310	7
Bangladesh	268	174
Indonésia	210	176
Reino Unido	190	60
Líbano	151	391
Burma	149	162
Burundi	132	389
Total	75243	10500

~

**Anexo D - Dados dos ataques Mundiais em 2011** (Worldwide Incidents Tracking System, 2012)

Ano	Nº de ataques	Vítimas mortais
2011	10281	12532

Países	Nº de ataques	Vítimas mortais
Afeganistão	2872	3353
Iraque	2265	3063
Paquistão	1436	2033
Índia	673	479
Somália	614	1101
Colômbia	424	268
Tailândia	305	262
Rússia	237	206
Israel	189	13
Nigéria	189	593
Grécia	188	0
Filipinas	158	120
Iémen	99	109
Turquia	91	58
Congo, RD	52	98
Myanmar	49	29
Quênia	42	42
Faixa de Gaza	37	3
Nepal	37	6
Sudão	29	189
Cisjordânia	24	9
Indonésia	23	17
Líbano	22	2
Argélia	21	22
Chile	19	0
Egipto	18	29
Reino Unido	15	1
Burundi	14	55
Paraguai	10	2
Total	10152	12162

**Anexo E - Dados dos ataques da Al-Qaeda e associadas, entre 2004 e 2010 (Global Terrorism Database, 2011)**

Ano	Nº de ataques	Vítimas mortais
2004	34	578
2005	76	847
2006	27	373
2007	126	864
2008	174	1158
2009	125	815
2010	217	1205
Total	779	5840

Países	Nº de ataques	Vítimas mortais
Iraque	186	2389
Somália	142	442
Paquistão	140	1258
Argélia	125	548
Índia	59	563
Iémen	59	245
Afeganistão	10	47
Quênia	10	8
Arábia Saudita	9	47
Mauritânia	6	15
Mali	4	30
Níger	4	5
Turquia	4	6
Jordânia	3	61
Suécia	3	1
Uganda	3	75
Bangladesh	2	0
Etiópia	2	100
Grã-Bretanha	2	0
EUA	2	0
Líbano	1	0
Marrocos	1	0
Emirados Árabes Unidos	1	0
Cisjordânia e Faixa de Gaza	1	0
Total	779	5840



Anexo F - Dados dos ataques da Al-Qaeda e associadas em 2010 (Global Terrorism Database, 2011)

Tabela 7 - Ataques da Al-Qaeda e associadas em 2010		
Países	Nº de ataques	Vítimas mortais
Paquistão	71	669
Somália	58	110
Iémen	46	191
Iraque	18	143
Quênia	8	8
Argélia	2	2
Índia	2	1
Níger	2	1
Suécia	2	1
Uganda	2	75
Afeganistão	1	2
Grã-Bretanha	1	0
Mali	1	1
Mauritânia	1	1
Emirados Árabes Unidos	1	0
EUA	1	0
Total	217	1205



Anexo G - Súmula de entrevistas

Súmula da entrevista com a Professora Teresa de Almeida e Silva, Terrorismo vis à vis Desenvolvimento

Lisboa, 16 de Fevereiro de 2012

Na entrevista concedida ao signatário, a Professora Teresa de Almeida e Silva considera que existem atentados reivindicados em nome da *Al-Qaeda*, que não são da autoria da organização mãe. Algumas organizações como, e.g., a *Al-Qaeda* do Magreb, são originárias de grupos regionais que sofreram mutações e que adotaram o nome “*Al-Qaeda*”, tendo poucas ligações com esta, optando por usar o nome para terem mais visibilidade nas suas ações.

Assim, os casos devem ser tratados de forma distinta, pois a *Al-Qaeda* é uma organização composta por pequenas células autocéfalas que pensam por si só, estando unidas numa primeira fase da doutrinação, mas depois, cada qual segue o seu caminho.

No que respeita à ligação entre o desenvolvimento e o terrorismo, considera que existe uma ligação ao nível do recrutamento, ou seja, as organizações vão realmente às zonas mais pobres recrutar operacionais que constituem os de níveis mais baixos da estrutura, nomeadamente, aqueles que acabam por ser as bombas humanas. A ligação evidencia-se mais a este nível do que ao nível da escolha dos alvos ou dos patrocínios. Se pensarmos em vários atentados, nomeadamente da *Al-Qaeda*, estes foram consumados contra países desenvolvidos, como é o caso do *USS Cole*, as embaixadas dos EUA na Tanzânia e Quênia, o *World Trade Center* em 1993, Madrid e Iraque. A ocorrência em Estados menos desenvolvidos está também ligada aos seus parcos orçamentos, com consequentes baixos níveis de segurança.

As organizações terroristas vão continuar a existir, independentemente do maior ou menor desenvolvimento dos Estados, pois o seu objetivo final é sempre um objetivo político, enquanto não o alcançarem, não vão baixar as armas e diminuir a sua luta.

No entanto, as lideranças de todas as organizações terroristas e os que os rodeiam são pessoas que pertencem a uma determinada elite, tendo em conta os padrões dos seus países de origem, com educação superior e que estudaram no estrangeiro e, portanto, com uma perspetiva de vida diferente, sabendo onde recrutar e quem escolher para as fileiras.



Ao nível das motivações, a Professora Teresa de Almeida e Silva, refere que existem vários autores que apontam três tipos de motivações: a motivação racional - considerando o binómio custo benefício, i.e., chegar ao objetivo com um custo mais baixo; a motivação psicológica - onde se transfere para o outro tudo que é negativo “o outro é que é o mau, antes que ele me ataque, eu vou atacá-lo a ele” sendo esta teoria, atualmente, praticamente excluída; a motivação cultural - sendo a que reúne mais consenso e dentro desta a religião, porque nos últimos anos todos os atentados, embora com objetivos políticos, estão ligados à religião. Constatamos este facto no conflito israelo-palestiniano e na luta da *Al-Qaeda* contra o ocidente. Frequentemente, o objetivo político não é visível e a religião é apresentada como o móbil das ações. Não estamos a pensar na ETA no IRA, apesar de, também aqui, estar presente a cultura e a religião (no caso do IRA).

Relativamente à importância do Islão no terrorismo, a entrevistada refere que a partir do 11 de Setembro, este ganha especial relevância, pois entre 1985 e 2000, os ataques suicidas bombistas no mundo, na sua maioria, foram levados a cabo pelos TAMIL, hindus contra budistas, que estão no poder no Sri Lanka. Contudo, em relação ao Islão, não podendo tomar o todo pela parte, uma vez que os radicais representam apenas 10% do total do mundo muçulmano, apesar de terem ganhado terreno em relação às outras religiões.



Súmula da entrevista com o Professor Luís Tomé, Terrorismo vis à vis Desenvolvimento

Lisboa, 18 de Março de 2012

O professor Luís Tomé em entrevista concedida no âmbito deste trabalho, considera que a dicotomia entre o “terrorismo clássico” e o “Terrorismo de Novo Tipo” (TNT) não tem que ver apenas com a estrutura das organizações, mas também com os objetivos. O primeiro, de que são exemplos a ETA e o IRA, têm objetivos, sejam de pendor político, económico ou social, concretos que delimitam os alvos, o campo de atuação e recrutamento. Mesmo atuando em mais que um Estado, os seus objetivos são concretos.

O TNT caracteriza-se pela enorme dispersão de objetivos, e.g., a *Al-Qaeda* tem dezenas de objetivos dispersos, em virtude de se tratar de uma rede de múltiplos grupos, que podem passar pela mudança de regime no Egipto, a criação de um Califado no Norte de África e Andaluzia ou a resolução do problema Israelo-palestiniano, através da eliminação de Israel, entre outros.

Segundo o entrevistado, o que une estes grupos são os ódios comuns contra os infiéis (os “cruzados” os sionistas e os muçulmanos traidores) e a interpretação radical do Alcorão, amando a morte como nós amamos a vida. Assim, os infiéis estão condenados à conversão ou à morte e os fiéis ao martírio. Este terrorismo é indiscriminado, ao contrário do terrorismo clássico.

O TNT começou por ser um grupo convencional hierarquizado com uma estrutura de comando, composto por indivíduos treinados e financiados que esperavam ordens para atuar, ao contrário das células de hoje, quer sejam compostas por terroristas treinados, quer sejam espontâneas, sem nunca terem tido contatos com a *Al-Qaeda* e que atuam por inspiração mítica e pela radicalização.

Questionado quanto às motivações, o Professor Luís Tomé considera que estas são diferentes para as organizações e para os indivíduos, confundindo-se apenas quando falamos dos líderes dos grupos. Considera ainda que existem diferentes tipologias de motivações, religiosas, políticas ou separatistas de extrema-esquerda ou extrema-direita e circunstâncias económicas.

Desta forma, a pobreza é instrumentalizada pelos grupos, como a *Al-Qaeda* e o Hezbollah, que conseguem o recrutamento através do financiamento do martírio, mas tal não significa que esta seja causa do surgimento dos grupos terroristas. Ao nível do



recrutamento, existem grupos que utilizam o papel social que desempenham junto das populações (proporcionando condições e serviços que o próprio Estados não assegura), para levar as pessoas a aderir à causa. Além deste facto, o recrutamento é mais fácil em comunidades vastas islâmicas com condições económicas baixas.

Deste modo, a pobreza pode ser motivação para os indivíduos, mas não é a causa do terrorismo, além de que, se olharmos para o terrorismo mediático no ocidente, este é levado a cabo por indivíduos de classe social média alta. Também a interpretação do Alcorão pode ser uma motivação dos indivíduos, no entanto, é sempre difícil de compreender a sua real motivação.

As organizações terroristas são oportunistas, não só nos alvos que escolhem, mas também na escolha do local para se desenvolver.

Assim, quanto aos Estados alvo do terrorismo, o Professor Luís Tomé considera que: a maioria dos ataques e vítimas acontecem em países islâmicos, sendo a maioria das vítimas muçulmanos, pelo que as motivações destas redes assentam no combate aos regimes que consideram demasiados seculares e marionetes do ocidente, lacaios do sionismo; os países autocráticos são mais atingidos por este fenómeno que os democráticos, surgindo como forma de combate aos regimes totalitários; os Estados falhados como, o Paquistão, Somália e Afeganistão, são também terreno fértil para as organizações terroristas, devido ao subdesenvolvimento onde este tem condições para ser utilizado como motivação (existem estados com problemas de pobreza onde não há terrorismo, como por exemplo a China que tem um nível de governança elevado).

O subdesenvolvimento facilita o terrorismo mas não é a sua causa, pois no passado, as desigualdades eram superiores, atendendo a que milhões de pessoas deixaram o limiar da pobreza, e os países do terceiro mundo não produziam organizações terroristas.

Quanto à situação atual da *Al-Qaeda*, o Professor Luís Tomé considera que a estrutura da *Al-Qaeda* sofreu um forte revés, estando enfraquecida, pois muitos dos seus dirigentes foram já exterminados ou presos, nomeadamente Osama Bin Laden, tendo este facto, reduzido a sua capacidade de intervenção e acabando por ter uma natureza quase regional. No entanto, esta organização tem conseguido adaptar-se de forma extraordinária, começando por ser a “base”, evoluindo para uma rede de vários grupos e culminando na ideologia que é hoje, permitido que indivíduos, que nunca tenham sido recrutados, se motivem para fazer ataques ou para o martírio, pelo que o perigo continua a existir, em virtude da utilização da “marca” poder potenciar atentados espontâneos.



Súmula da entrevista com o Major Cordeiro de Menezes, Terrorismo *vis à vis* Desenvolvimento

Lisboa, 30 de Março de 2012

De acordo com a informação veiculada na entrevista do Major Menezes, o terrorismo é uma técnica, tudo o que vá além disso, será exacerbar o fenómeno, usada do fraco contra o forte, sendo uma forma rápida e barata de exaurir e degradar o forte, assentando essencialmente na ação psicológica, i.e., o efeito principal é incidir sobre as bases, a população, utilizando a violência contra civis com objetivos políticos.

Quanto à questão se o TNT absorveu organizações do *Old Terrorism*, a opinião do entrevistado é que as alterações, proporcionadas pela evolução tecnológica e alteração do SI, permitem que as coisas funcionem de modo diferente na interação entre os diferentes atores, nomeadamente, o acesso à informação à capacidade de destruição em massa, mas as organizações do TNT não absorveram as organizações do *Old Terrorism*.

Considerando que a evolução da sociedade se deu do campo para a cidade, da cidade para o Estado e do Estado para os grandes espaços, a interação, atualmente, permite uma ação externa diferente, pois hoje vemos o “polícia” do grande espaço ocidental (EUA) a ser atentado por uma organização que se molda para atingir este grande ator. Portanto, o terrorismo está a evoluir para fazer face aos poderes atuais. No entanto, as organizações clássicas continuam a fazer sentido, ainda que existam autores que consideram a existência dos chamados grupos proxy (que não têm que ser necessariamente um auxiliar da *Al-Qaeda*) que, para atingirem determinado objetivo para o qual não têm capacidade, podem solicitar que a ação seja perpetrada por outro grupo, (esta era uma situação típica da Guerra-Fria). Os grupos de hoje, como o Hezbollah, não têm interesse em ser confundidos com a *Al-Qaeda*, pois têm objetivos próprios bem definidos diferentes desta.

Podemos ainda pôr em causa os objetivos políticos pouco concretos da *Al-Qaeda*, como destruir a sociedade ocidental ou reconquistar a Península Ibérica, em que tudo é válido, o que os torna intangíveis. Nesta organização, os fins políticos acabam por estar ligados aos religiosos, pois no Islão, estes não são separáveis. No entanto, os seus líderes exercem uma grande influência sobre as pessoas com baixa formação, o que possibilita o fácil recrutamento levando países, como a Arábia Saudita, a implementarem programas de reeducação das pessoas para lutar contra estes indivíduos que não são doutores da lei e que fazem interpretações desprovidas de sentido aos olhos da lei e de Deus.



Quando questionado se considera que os países que são os principais alvos de atentados têm níveis de governança mais baixos, O Major Meneses refere que se consideramos os objetivos políticos intangíveis, referidos anteriormente, estes centram-se no mundo ocidental e olhando para os atentados, falhados ou não, na Europa (em Inglaterra França, Alemanha e Espanha) e nos EUA, os Estados alvo têm níveis de governança elevados. Se, por outro lado, analisarmos os estados com nível de governança mais baixo, a tendência será para haver menos atentados, pois os Estados não conseguem garantir segurança e bem-estar, facilitando a implementação de campos de treino a organizações terroristas. Olhando para países como o Afeganistão, Iraque, Quênia, os ataques serão de retaliação por forma a evitar que o nível de governança avance, sendo o objetivo incapacitar os governos, com um *empwoer* incompleto e que têm um *back stage* ocidental, de forma a que o nível de governança se mantenha baixo, permitindo às organizações terroristas manterem a sua influência nestes países.

Podemos, assim, dividir os objetivos em primários e secundários, em que um atentado num Estado ocidental (cujo o objetivo é primário) tem um alcance operacional muito superior aos levados a cabo nos estados acima referidos (com um objetivo secundário), em que são técnicas que não tem como fim atingir os objetivos primários.

Quanto à questão de se a pobreza e o subdesenvolvimento são fatores motivacionais, o entrevistado considera que não existe uma relação direta, pois se olharmos para os atentados levados a cabo para atingir os objetivos primários, encontramos indivíduos com formação superior e as motivações podem ser religiosas, o desenraizamento e a vingança, entre outros. Por exemplo, a partir de 2002, nos países Islâmicos, os ataques suicidas de mulheres surgem como um sentimento de vingança da morte de familiares (marido, filhos ou irmãos), as motivações de ordem financeira, normalmente, não são a principal razão para o martírio.



Apêndice 1 – Quadro de Verificação das Hipóteses

QUESTÕES DERIVADAS	HIPÓTESES	VERIFICAÇÃO
QD1: De que forma a governança dos Estados está associada ao número de casos e vítimas mortais do terrorismo?	H1.1: Estados com nível de governança inferior têm mais propensão para serem alvos do terrorismo. H1.2: Um maior número de ataques terroristas tem correspondência a um maior número de vítimas mortais, em Estados com baixo nível de governança.	Páginas 19;20; 42
QD2: Quais as motivações dos terroristas e a sua relação com os fatores socioeconómicos?	H2: O baixo nível socioeconómico das populações leva ao aumento de seguidores do terrorismo que veem nestas organizações uma forma de realização.	Páginas 30; 43
QD3: Como o nível de governança influencia os ataques e o número de vítimas mortais provocados pela <i>Al-Qaeda</i> ?	H3 Estados com nível de governança inferior têm mais propensão para serem alvos da <i>Al-Qaeda</i> e terem um maior número de vítimas mortais, decorrentes destes ataques.	Página 35; 37; 45



Apenso I - Fontes utilizadas pelo Banco Mundial para aferir o nível de governança (Worldbank, 2011)

Source of Governance Data

Code	Source	Type*	Public	Coverage	-ntative	Country Represe												
						1996	1998	2000	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	
ADB	African Development Bank Country Policy and Institutional Assessments	Expert (GOV)	Partial	53			X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
AFR	Afrobarometer	Survey	Yes	19				X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
ASD	Asian Development Bank Country Policy and Institutional Assessments	Expert (GOV)	Partial	29				X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
BPS	Business Enterprise Environment Survey	Survey	Yes	27				X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
BTI	Bertelsmann Transformation Index	Expert (NGO)	Yes	125					X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
CCR	FreedomHouse Countries at the Crossroads	Expert (NGO)	Yes	62							X	X	X	X	X	X	X	X
EBR	European Bank for Reconstruction and Development Transition Report	Expert (GOV)	Yes	29		X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
EU	Economist Intelligence Unit Riskwire & Democracy Index	Expert (CBIP)	Yes	181	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
FRH	FreedomHouse	Expert (NGO)	Yes	197	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
GCB	Transparency International Global Corruption Barometer Survey	Survey	Yes	80					X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
GCS	World Economic Forum Global Competitiveness Report	Survey	Yes	134	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
GII	Global Integrity Index	Expert (NGO)	Yes	79						X	X	X	X	X	X	X	X	X
GWP	Gallup World Poll	Survey	Yes	130	X									X	X	X	X	X
HER	Heritage Foundation Index of Economic Freedom	Expert (NGO)	Yes	179	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
HUM	Cingranelli Richards Human Rights Database and Political Terror Scale	Expert (GOV)	Yes	192	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
IFD	IFAD Rural Sector Performance Assessments	Expert (GOV)	Yes	90							X	X	X	X	X	X	X	X
IUT	IJET Country Security Risk Ratings	Expert (CBIP)	Yes	185	X						X	X	X	X	X	X	X	X
IPD	Institutional Profiles Database	Expert (GOV)	Yes	85	X								X	X	X	X	X	X
IRP	IREEP African Bectoral Index	Expert (NGO)	Yes	53				X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
LBO	Latinobarometro	Survey	Yes	18		X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
MSI	International Research and Exchanges Board Media Sustainability Index	Expert (NGO)	Yes	76					X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
OBI	International Budget Project Open Budget Index	Expert (NGO)	Yes	85								X	X	X	X	X	X	X
PIA	World Bank Country Policy and Institutional Assessments	Expert (GOV)	Partial	142		X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
PRC	Political Economic Risk Consultancy Corruption In Asia Survey	Survey	Yes	15			X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
PRS	Political Risk Services International Country Risk Guide	Expert (CBIP)	Yes	140	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
RCF	Reporters Without Borders Press Freedom Index	Expert (NGO)	Yes	170	X				X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
TPR	US State Department Trafficking In People report	Expert (GOV)	Yes	153	X			X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
VAB	Vanderbilt University Americas Barometer	Survey	Yes	23							X	X	X	X	X	X	X	X
WCY	Institute for Management and Development World Competitiveness Yearbook	Survey	Yes	55		X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
WMD	Global Insight Business Conditions and Risk Indicators	Expert (CBIP)	Yes	203	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X

*Types of Expert Assessments: CBIP – Commercial Business Information Provider, GOV -- Public Sector Data Provider, NGO -- Nongovernmental Organization Data Provider